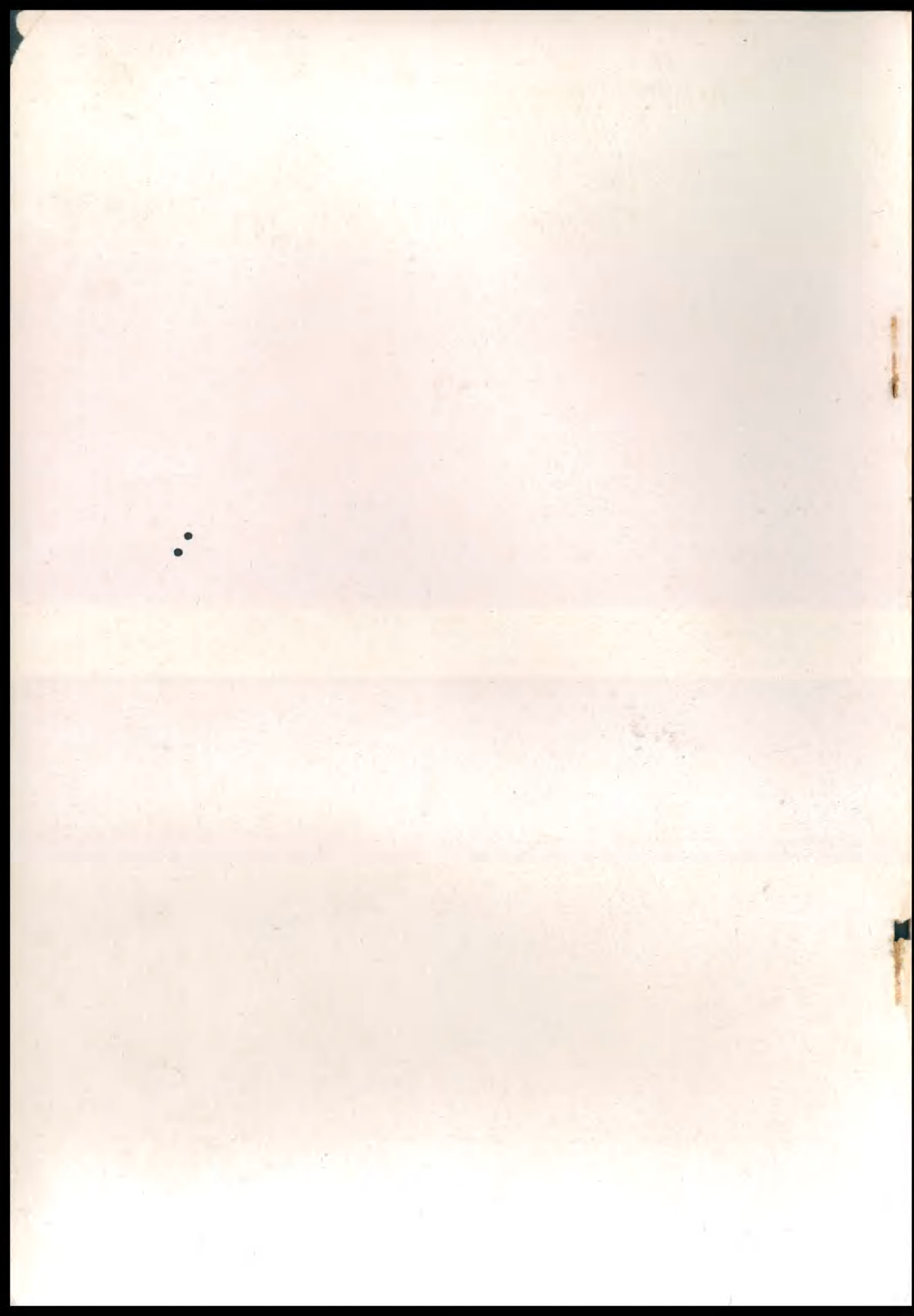


ANNO I — NUM. 2

PREÇO \$500



Bello Horizonte, 1 de Agosto de 1915



Wida de Minas

Director : Cysalpino de Souza e Silva

Collaboradores diversos

Anno I [] BELLO HORIZONTE, 1 DE AGOSTO DE 1915 [] Num. 2

Fome e Sede



SOL é uma chaga viva.

Delle emanam tremeluzentes raios que se multiplicam no afan cruel de levar aos ninhos as tagulhas, que parece crepitarem no espaço asfixiante. E as aves, de biquinhos abertos, acompanham com os olhitos d'onix a ebulição que, dir-se-ia, anda no ar e fervilha nas selvas.

O ceu escampo, numa azulecência espantosa, dá assim a impressão de estar semeando, de seu imenso zimborio azulejo, o soffrimento em myriades de pequeninos grãos que fructificam profíleros, apesar de rolar já encandescentes...

As arvores, as boas arvores ensombradas, que foram um dia o poiso pittoresco onde a passara vibrava a protophonia de um hymno triumphal ás doces manhãs invernaes, — são agora o corymbo sinistro de pequeninos cadaveres das ramificações outr'ora viçosas, no verde-gaio da vida palpitante. E ostentam taciturnas os resequidos gravetos que suggerem idéa de multiformes esqueletos estranhos.

Flagello toucou-as deste modo para gaudio dos filhos da Fome que, em dansa macabra, andam agora gargalhando uma alegria satânica. Olhae bem e haveis de vel-os, bandos e bandos, saltitando na azáfama de adoudados, em torno d'essa dissecada *arvore de natal*, prenhe de profundas dores que ella geme segredando ao vento impiedoso, esse vento perverso que espanteja lá acima o anhelado agrupamento de nuvens promissoras da chuva.

O gado anda triste. Vagaroso, lento, lá vae o boi amigo pela estrada a fóra, muito fraco, magricella, já sem força quasi para conduzir em si a carcassa d'ossos debilitados. E segue em demanda dum gole d'agua, com os olhos tristonhos perdidos pelo espaço...

«E eu fico-me a scismar, calado e triste Que um mundo de impressões, que uma alma existe Nos olhos enigmaticos dos bois...»

Nem uma folha verde. «Nos ramos desfeitos, transparece a luminosidade do dia num filtro

violaceo e murmurejante. Regorgitam os raios de sol entre bambinellas e recortantes de escomilha.»

Só o juazeiro, como um insulto á grande dôr dos viventes, viceja verde, tal promessa mentirosa á esperança, tal miragem odiosa no arido deserto.

Lá está elle. Em torno, tudo é secco e tem a tonalidade pardacenta duma tristeza. E o juazeiro sacrilego, em sua frondea cupula, verdeja perversamente um sorriso de escarneo.

Os corvos pilharengos, esses negros aenoplanos onde adeja a alma do Tédio, circumdam os montões de rezes ossificadas e lá se deixam ficar em algarada de satisfeitos, saciados, assim como quem assiste com descaridade os mortos, fazendo luzir nos olhos trevosos os feios cirios de um sentimento hypocrita.

O sol a prumo chammeja, causticando tudo; e a terra é uma fornalha acêza onde crispa coruscante a alma das cousas.

Pelo espaço que treme nas vibrações do calôr, parece que erra doida uma centena de supplicas e intenções votivas em ardoroso *ad petendam pluviam*.

E a canicula continua. Na insistente inclemencia dos ceus, parece que se accentua a vingança injusta de um Deus iniquo.

No rancho pobre, onde se hospeda a Desgraça, de quando em vez a voz fraquinha de uma creança côrta o silencio, como uma l'mina a retalhar corações : *Mãe, tenho fome ! Mãesinha, quero agua !*

E a sertaneja nem mais nos olhos pôde ver a esphera milagrosa de uma gotta. Tanto tem soffrido que até mesmo as lagrimas lhe seccaram nos olhos bons...

Esse quadro que preme os corações ao peso de um dô profundo é a verdade viva que anda hoje pungindo a alma soffredora do nortista. Uma cedula, uma quantia qualquer de dinheiro acende sem duvida um consolo na tristeza de nossos patricios littoralianos. E certamente apagará muitas lagrimas aos olhos tristes das pobres mães que gemem fome e lastimam séde lá na «Terra de Sol» onde se *exbala o bajo ardente do Flagello...*

MILTON PRATES

EXPEDIENTE

A *Vida de Minas* tem a sua redacção e administração à rua Rio de Janeiro n. 615, devendo ser dirigida toda a correspondência a Cysalpino de Souza e Silva.

Publica-se, quinzenalmente, todos os dias 1 e 15 de cada mez.

Acceita agentes devidamente afiançados em todas as localidades mineiras.

ASSIGNATURA

Anno.....	11\$000
Semestre.....	6\$000
Numero avulso.....	\$500

REPRESENTANTE GERAL

O sr. Amador Bueno Horta, residente na cidade de Campanha, fica auctorizado a viajar pelo sul do Estado, a serviço desta revista, podendo estabelecer agencias, de accordo com a administração, em todas as cidades principaes.

São representantes da A Vida de Minas os srs.:

Dr. Sandoval de Azevedo, em Cataguazes.

Dr. J. Sette Gamara, em Jequery.

Belmiro Braga, em Juiz de Fora.

Dr. Gabriel Gonçalves da Almeida, em Leopoldina.

Dr. Manoel da Matta Machado, em Conceição do Serro.

Dr. Teixeira de Salles, em Pitanguy.

Dr. José Maria Burnier, em Ayuruoca.

Goronel Alvaro da Gama Cerqueira, em Sete Lagoas.

Depois daquella commemoração cívica no Municipal, em que houve discursos de um certo Tiradentes de fancaria muito nosso conhecido, em que houve latidos de ca. horro em vez de aclamações aos oradores patrióticos que irromperam numerosos nos reboidos de quasi todos os camarotes, essas solemnidades que exigiam sobrecasaca e luvas no tempo da monarchia nunca mais perderam a presença do jornalista, antes inimigo figadal de taes manifestações, a seu ver, ridiculas e retrogradadas.

E' que, diz elle, não ha melhor desopilante nas pharmacias, nem melhor comedia no repertorio das companhias de theatro. E conclue, com um sorriso cheio de bemaventurança:

— Nunca mais deixarei de assistir ás commemorações cívicas promovidas por esta ineffavel Sociedade Republicana Zeladora das Gloriosas Tradições Patrias.

PELA POLITICA



Dr. Julio Meirelles

O sr. dr. Julio Meirelles é uma dessas figuras em que ainda a cultura espirital apparece emoldurada na generosidade de um coração bem formado, que se objectiva nas maneiras fidalgas do trato de um perfeito *gentleman*.

Deputado ao Congresso Mineiro por um dos primaciaes districtos do Sul, galgou por seu proprio merito. essa posição, como pela sua actividade omnimoda e espirito *yankee*, já se havia imposto, no caracter de industrial, agricultor e presidente da Camara de S. Gonçalo do Sapucahy e agora tambem illustre parlamentar.

A sua nova posição de destaque, longe de o tornar menos accessivel e aberto a seus innumeraveis amigos, congregou-os mais em torno de sua bondade tão prodiga em manifestações de sympathia a todos os que d'elle se approximam.

Chronica da Quinzena

Bello Horizonte é monotona. Isso anda por ali, á bocca de toda gente.

A' força de o repetirem, a coisa foi tomando assim uns ares de phrase feita.

É hoje, n'uma roda, mal a palestra esmorece, mal falta assumpto ao jornal, lá vem, num suspiro :

—Jesus ! como a vida é monotona !

Nessa monotonia habitual, nessa paz que guardou a cidade durante a quinzena, com dias de uma dogura primaveril e noites de uma finura hibernal,—foi um acontecimento a festa de domingo.

O Club Bello Horizonte, que tão longamente dormira, acordou. E deu logo um signal de vida, de vida nova, com um grande lastro de saúde armazenada, offerecendo um *five-o'clock* á sociedade horizontal. O que essa festa foi, em detalhe, disseram-n'o os jornaes.

Nos limites de uma chronica, só cabe dizer que ella primou por um tom de distincção original, em que collaborou grandemente a graça feminina do que esta Capital conta de mais selecto.

No emtanto muita gente pensa, por ali, q' e, á parte uma cadeira de cinema, onde a gente vai, por dez tostões, giboar o seu jantar e olhar coisas,— nada mais ha que nos tente.

Nós gostamos do cinema, é verdade. Aquillo da gente estar ali, tão baratinho, com o raciocínio repousado, de olho na têla, na attenção facil de seguir greteitos, — é commodô.

E nós, que desertamos o Municipal, escandalizados, quando Nina Sanzi dizia ali a satyra gaulleza de De Flers, em *Le Roi*, -- vamos agora ao cinema pasmar, com deleite, para as complicações licenciosas do *Occupe-toi d'Amelie*, com que Feydeau faz rir o publico do Palais Royal.

Mas desse amor entranhado ao cinematographo não se pode concluir, com logica, que nós não gostemos de outras coisas, de vez que não ha outras coisas.

Vão dizer-me ali que ha o *foot-ball* e que ha o Municipal.

Mas o *foot-ball* é no Prado.

E a gente estar uma hora ali no Ponto, á espera d'um bond que não vem e, si vem, ir n'ele por ali, ás guinadas, rompendo nesse poeirão, por Deus ! é ou não ter pulmão ou ser doido varrido.

E o Municipal ?

Nem me falem no Municipal. Quando se arrendou o Theatro, toda a gente, que leu as clausulas do contracto, cuidou logo, com razão, que teriamos coisas.

Veio a primeira *troupe*. Gente que se esqueceu de ficar por lá, de jaléco e varapau, a vadiar nas feiras,— emigrou, veio ser galan e dizer "marqueza" n'uma voz de papo cheio.

E peça que fez chorar o bisavô d'elles lá estava no cartaz.

Veio a segunda *troupe*.

Gente de igual jaez, peças de igual theôr.

Ainda ha dias, lá estava annuciado o "Remorso Vivo", aquelle mesmo "Remorso Vivo", que me fez tremer nas pantomimas de circo de cavallinhos, em minha terra, lá pelos longes da minha meninice.

Até me lembro que o povo gostava, o grupo d'amadores quiz representar a peça.

Representou-o no dia d'anno bom.

E o que aconteceu foi que um d'elles, um barbado, que fazia lá uma personagem, apanhou o apellido de Capitão Tiberio, que o filou devéras, até hoje.

E agora, depois de tanto anno, querem que eu vá ao Municipal, encontrar o mesmo Tiberio mais rouco e mais cançado...

Sempre é melhor deixar-se a gente estar em casa, em chinellas, roendo as unhas...

A. C. F.

BROCARDOS

Brigam Pedra, Costa Rica
É Água Limpa, alma damnada.
Na lucta, o primeiro fica
Com uma das vistas vasada.

Água molle em pedra dura
Tanto bate até que fura!

XIS

NA BAHIA



Senhorinha Cecinha Alves, gentilíssima filha do nosso coestaduario dr. Albino Alves Filho.

Sob o carmim do teu rosto
Viuva, um moço atrevido,
Viu o esqueleto de um beijo
Do teu defuncto marido.

Felipe D'Almeida

Milton Prates, scintillante chronista mineiro que "A Vida de Minas" tem a felicidade de contar no seu corpo de redacção, como um dos membros mais queridos da nossa familia espirital, trouxe-nos de recente viagem pelo Oeste do Estado a agradável noticia de que esta revista vae sendo ali recebida com muita sympathia e tem, em toda aquella culta zona, grande numero de amigos entusiastas.

Devido a essa alentadora prova de bom gosto dada, com a maxima sinceridade, pelos habitantes do Oeste de Minas, a administração destacará para lá por estes dias um dos seus mais devotados amigos a crear agencias que ponham a revista mais facilmente ás mãos dos leitores.

Para o teu Nocturno

Vês ? Como estás linda !

Já te viste assim alguma vez ?... Parece que os teus olhos estão mais humidos e tristes e que os teus labios se coraram mais... Como estás linda !...

Vi-me sosinho pela noite e ao lado alguém sorriso do meu sorriso, que era um sonho de porta bebedo que tem ancia de abraçar a lua nas alturas... Era embriagado pelo teu sorriso... Embriagado pela tua belleza... Escondendo-me de ti que me não vês, que me procuras baldadamente no teu sonho...

Quero ver-te ás escondidas, vendo-te rir dessa tristeza em que me occulto para ser tua alegria, nessa penumbra onde me escondo, como uma restea de oiro do sol, numa alameda de outomno...

Quero que saibas que eu te amo, sem que, para isso alguém te diga que me não comprehendes, que sou vago demais para que me entendas...

Quero ver-te triste, porque essa tristeza é minha Vida, feita só de solidão e de renuncia...

Quero-te linda como estas flores que te coraram, que te fizeram mais suave para a tenue delicadeza do meu Sonho...

Como estas flores te puzeram linda ! Já te viste assim alguma vez ? Como este espelho te reflecte bem a tristeza dos olhos, o alontanado brumal do rosto, a curva suave da bocca...

Podes sorrir aqui para minha tristeza, para a caricia extravasante dos meus braços... Fica assim como louca... Não de ser os braços que te amparem, como um tapete de plumas e de perfumes da Arabia, ardendo anschirs, olibano e styrax, pelas cacoilas voluptuosas...

Poderás cerrar os olhos e esperar que o sonho te descerre levemente os labios, como uma papoula rubra, ao meu primeiro beijo de amor...

Como estás linda !... Como te reflecte bem o espelho da minh'alma... a tristeza vaga dos olhos, o alontanado brumal do rosto, a curva suave da bocca...

Como és linda, Santa Thereza...

Agenor

Um psychiatra visitando uma cadeia :

Um psychiatra inquirindo os detentos :

—E você, acredita no occultismo ?

O preso (ladrao afamado). — Pois se eu vivi sempre de occultar as cousas alheias.

Anecdota Medica

Sob a epigraphe—*«Onde se vê que o talento de um medico não se mede pela importancia de sua clientela»*,—a *Revista de Pharmacologia Medica* traz, em um de seus ultimos numeros, a seguinte espirituosa anedocta:

Os medicos mais eminentes têm experimentado as torturas que soffre o homem, quando se esforça mais por *saber* do que por *saber fazer*. Foi este, parece, o caso do famoso cirurgião Pott.

Um dia, este encontrou-se, á margem do Tamisa, com um dos seus antigos creados; este ultimo ostentava um luxo estupendo, e, risonho, abordou a seu antigo patrão, o qual depois de cumprimental-o, não lhe occultou sua surpresa:

—Porque acaso chegaste tão rapidamente á fortuna?

—Por um meio muito simples,—respondeu o outro:—exercendo a profissão, cujo exem-

plo vós mesmo me dístes. A medicina fornece-me rendas fabulosas.

E como Pott, estupefacto, perguntasse a si mesmo porque milagre uma profissão que mal lhe dava para viver, a elle, velho sabio de reputação mundial, podia assim, do pé p'ra mão, enriquecer seu criado,—este ultimo forneceu-lhe, em um traço, a chave do paradoxo.

—Temos diante de nossos olhos, Mestre, a ponte de Londres e os caes do Tamisa. Quantas pessoas, pouco mais ou menos, avaliaes que se acham actualmente diante de nós?

—Sete a oito mil, talvez.

—E desses oito mil individuos, quantos, em vossa opinião, são realmedte intelligentes?

O cirurgião pensativo, hesitava.

—Muito poucos,—disse,—talvez uns cem.

—Quando muito—respondeu seu ironico concorrente. Pois bem, estas cem pessoas fazem parte de vossa clientela. Os 7.900 imbecis restantes constituem a minha. Não é, pois, de extranhar-se que meu consultorio seja mais afreguezado do que o vosso.

SCENAS DA GUERRA



Embarque de tropas indianas em Alexandria, com destino ás operações dos Dardanellos

O que o medo faz

Certa tarde, numa localidade distante 4 leguas da E. de F. Leopoldina, recebia o representante de importante casa commercial carioca a quantia de seis contos de um negociante, freguez de seus patrões.

O Zé Maroto, mulato ferrabraz, que assistia, da porta da loja, sem ser notado, ao pagamento, ouviu o *cometa* dizer que immediatamente seguiria, a cavallo, para tomar o trem, ás 10 horas da noite, na estação mais proxima. Architectou logo um plano que lhe trouxesse aos bolsos vasilhos os tentadores «pacotes» que vira o viajante receber e guardar cuidadosamente na valise.

Partiu, a toda, na frente, e foi aguardar o *commis voyageur* no ponto mais ermo da estrada. Quando este passava, saltou no caminho e, segurando o freio do animal montado pelo *cometa*, apontou-lhe um garruchão com os dois «cães» levantados e gritou, ameaçador e feroz: «Passa para cá o «cobre» que eu te vi recebendo, lá no arraial, senão te mato, agora mesmo, sem dó, nem piedade!»

Desarmado, o pobre *cometa* não se podia defender, e entregou logo os seis contos ao furi-bundo assaltante.

Recobrando, porém, a calma, imaginou um meio salvador, falando assim ao Zé Maroto: «Agora que já o servi, o meu amigo me poderia acompanhar até à estação, para que eu não fosse victima de outra emboscada.»

—Nessa não cae o filho de minha mãe, para ir ser preso lá, como um pateta, respondeu o ladrão.

—Então, façamos outro negocio, disse o viajante. Como você já não precisa mais dessa garrucha, empreste-m'a, para eu me defender, no resto da viagem, no caso de novo assalto.

—Tá hi a garrucha, retorquiu, amavel, o Zé Maroto, entregando a arma ao roubado.

—Agora, seu bandido, restitua-me o dinheiro, para não morrer já! falou o *cometa*, com a pistola no peito do caboclo.

—Póde atirar, bobo! Essa garrucha não tem ouvido....

Desapontadissimo, verificou o *cometa* que o «valentão» dizia a verdade. A garrucha era um objecto inutil, que, ha mais de 10 annos, não disparava um tiro....

Ao ouvir esse conto dos labios de illustre engenheiro, palestrador emerito e brilhante, com quem viajava na Central, pensei logo: «Quanta gente, neste mundo, não terá corrido de garruchas sem ouvidos? O general Pinheiro Machado, com seu formidavel prestigio lendario, não será uma especie de Zé Maroto?»

BRISAC

Ora vejam vocês. Hoje tive uma desillusão... Uma triste e amarga desillusão. Imaginem vocês que eu tinha meu amigo, o meu franzino e delicado amigo na conta de um sujeito equilibrado... Agora, sem mais aquella, eu o encontro a largas passadas, chapeu na testa, uma vasta expressão de desconsolo nos olhos, cortando a Avenida, como quem vae para um açougue...

Interpello-o—Olá amigo, onde te botas?...

—Nem sei... Olha, conheces a historia da pequena rã dos casos de magnetismo?

Pois bem, eu aqui vou como aquelle infeliz batrachio... O ridiculo de acompanhar uma mulher, talvez seja a serpente. E eu... lá vou! Conhecendo o meu ridiculo, marchou para elle na certeza de que serei fatalmente tragado no meu proprio concito...

EM OLIVEIRA



Senhorita Maroca Rabello

Phot. J. M. Retes

Viada de Minas

De Bernardo Guimarães

Improviso do grande romancista mineiro em 1882 feito na Pensão Othoniel de Carvalho, em Ouro Preto, e tomado por escripto por um de seus admiradores.

(Perguntando o tropeiro da Pensão se podia servir o almoço, o poeta respondeu-lhe do seguinte modo):

Traga já este almoço,
Moço;

E não faça como a indigente
gente,

Que traz, em vez de pipóte,
Póte,

E bebe com grande magua
Água.

Eu gosto é de cerveja,
Veja.

E também tomo com deleite
Leite.

Si houver algumas fructas maduras
Duras,

E algumas maçãs
Sans...

Traga já qualquer quitanda,
Anda!

Que a gente lambisqueira
Queira

Similhante gulodice.
Disse.

PIC-NIC



Photographia apanhada durante um *pic-nic* organizado p:los officiaes da Força Publica, na quinzena passada.

Vida de Minas

Olhe, mademoiselle, o seu sapatinho nu-
mero 33 é um indiscreto de força.
Contou-me outro dia toda a historia da sua vi-
da... Elle teve muito que contar pois já está
bem velhinho e tem tido uma vida cheia de pe-
ripecias...

Fazia gosto ouvil-o. A sua linguinha muito
fina de couro da Russia não parava...

E que coisas deliciosas conta um sapatinho
velho de moça bonita!...

Elle disse: "A minha vida começou do dia em
que calcei pela primeira vez os seus pesinhos.
Ella gosta de mim porque eu sempre me esme-
rei em não magoar um callosinho, que se in-
stallou atrevidamente no dedo minino de made-
moiselle. Mas, mademoiselle é ingrata. Já não
tem para commigo os mesmos carinhos de ou-
tra'ora."

Justamente agora, que mais preciso de con-
forto, pois a velhice já me vem chegando, ella
começa a se descuidar de mim.

E' a cusco que eu resisto este sol que reséca e
á aspereza das pedras da rua. Já não posso mais
com as grandes caminhadas de mademoiselle!...
Quando ella sae de casa fico pensando no quan-



Senhorita Edith Maria Cesar, filha
do doutado mineiro Demosthenes Cesar

Phot. J. M. Retes

to vou soffrer!... O programma do passeio é
sempre modificado com grandes prejuizos para
mim... Mademoiselle desconhece os mais rudi-
mentares principios de geometria; muita vez a
curva é para ella o caminho mais curto, ou, pe-
lo menos, o mais agradável... Eu sinto, é ver-
dade, mas na minha humildade de sapato, sem-
pre calçado aos pés, não digo nada. Sapato não
fala e muito menos protesta.

E lá vou eu, rua acima, a estalar nas minhas
costuras, lembrando com saudade dos tempos
em que eu só apparecia nos bailes, com a mi-
nha fivela doirada a brihar num deslumbramen-
to de luzes...

Nesse tempo, mademoiselle, tinha um sa-
pato mais feio do que eu. Esse é que resistia as
grandes caminhadas. Eu ficava em casa muito
quietinho. Depois elle desapareceu e eu sahi da
minha caixinha para essa lucta viva...

Ah! como eu me lembro dos bons tempos!...
dos meus bailes... dos meus cinemas...

Dos meus cinemas!... Daquella noite em
que eu travei conhecimento com uma bonita
"clarck", muito maior que eu e logo ficamos
muito amiguinhas... As relações entre as boti-
nas são muito differentes das relações sociaes...

Quem nos visse era capaz de jurar que briga-
vamos... E no emtanto que doce intimidade
aquella!..."

Bem, mademoiselle, achei que seu sapatinho
se enthusiasmava muito e mandei que se calasse.
Aquelle infame teria mentido?...

♦♦♦
O padre que te confessa
Com tanta inveja me olhou,
Que eu vi logo que lhe contas
Todo beijo que te dou.

Filha de Demosthenes Cesar

Coisinhas

A senhorita ficou indignada com a resposta
do ex-noivo, e sem razão. Então a menina
queria que o pobre moço tão impiedosamente
desquitado da obrigação de casar, pelas palavras
laconicas de uma carta em que, sem a minima
consideração, o despedia para sempre, lhe escre-
vesse depois lamentando-se da sorte, amaldiço-
ando a sua boa estrella?!

Ora, senhorita, isso é muita exigencia de sua
parte.

Póde estar certa de que o ex-noivo recebeu
com immenso prazer a sua carta e acceitou com
viva satisfação a decisão que a senhorita, em
boa hora, tomou de não ser a sua companheira
de peregrinação, com sorte ou sem sorte, por
este valle de lagrimas.

Defesa

Entre queixosa e triste, uma vez, me accusaste
De não mais te escrever os versos que escrevia.
Nos quaes de cada rima o delicado engaste
Era sempre o teu nome encantador, Maria.

Para que de tu'alma esse temor se afaste,
A ti, que és sempre, amada, o meu encanto e guia,
Sincera confissão a minha musa faz-te,
Nos mesmos versos que eu, outr'ora, te fazia.

Desde quando alcancei o teu amor infindo,
Vivo só para o ardente e puriss'mo anhelô
De adorar, em segredo, as rutilas, supremas

Graças do Lirio que és, idolatrado e lindo :
Não faz versos quem, tendo esse Lirio tão bello,
Tem o mais lirial e puro dos poemas.

Bello Horizonte, 5 - 6 - 914.

Abilio Machado

Vida de Minas

EM OLIVEIRA



O dr. Pinto Machado, nosso brilhante confrade da "Gazeta de Minas", da cidade de Oliveira, onde é ha muitos annos, illustre e abalizado professor de humanidades.

POIS aquelle moço, que é, aliás, uma excellente pessoa, além de ser um dos mais bellos espiritos da nossa mocidade, cultuador sincero da Belleza e amigo dos artistas, não podia, de um momento para outro, fazer desaparecer a perturbadora impressão que lhe causára Mlle., interpretando, com rara maestria, boa technica e muita sentimentalidade, um desconhecido trecho de musica de algum mestre da arte divina...

E assim se formára lentamente aquella especie de correspondencia de almas que fazia com que Mlle. desejasse vel-o sempre, embora fingindo-se indifferente, talvez para disfarçar aquelle «flirt» que não era lá muito proprio de espiritos superiores como o delle e o della...

E o resultado foi que Mlle. (vejam só o que faz o amor), procurando esconder aquelle idyllio superplatonico, baseado em hypotheticas «affinidades electivas», chegou á se mostrar quasi infantil, trahindo-se flagrantemente aos olhos de um meu collega...

Que diria Mlle. si se surprehendesse trahindo-se assim perfidamente, trahindo-se a si mesma, aos olhos de outrem?

E a correspondencia silenciosa, mutua daquellas duas almas, ambas artistas, continuava bem, até que um dia, "um vento secco, de mau séstro e spleen" deitou por terra todo o condado da senhorita...

E a graciosa e suave interprete sentimental de Chopin ouviu calada, num mutismo doloroso, o desmoronar do seu castello... Fechou-se em casa, não frequentou mais festas e depois, finalmente...

E o diabo do rapaz mentiu a vocês todos. Que significavam, afinal, aquella suadade e aquella magua?... E elle disse que para elle Mlle. tinha morrido e vocês... acreditaram!

Menina tão pobre de ouro,
Quando terei a riqueza
Que traz guardado o thesouro
De tua farta belleza?

PELO SUL DE MINAS



Aspecto do pinheiral do Charco — districto de Soledade de Itajubá.

BALLADA TRISTE

I

Estudo e canto. Sonho e não entendo
Idéas, sons ou magoas... Que pesar
Atordoa-me os nervos? Não compreendo
Porque volteia a Terra a um olhar...

E os nervos tontos, pela Terra, vão
Colhendo idéas, pondo-as na canção!

II

Ouvem-se ao longe... ao longe... sons... além...
A harmonia é perfeita, busco ouvil-a...
E' a sonata de Schuber que me vem
Pelo ar? Não! São accordes da Dalila!

E os nervos tontos, pelos ares vão
Reunindo sons, tecendo esta canção!

III

Ha soluços aqui... Chora, quem sofre...
Se o olhar se turva, já lhe falta o sol!...
Tange a orchestra da magoa; então, de chofre,
O verso canta como um rouxinol...

E os nervos tontos, pelos Versos, vão
Deixando magoas... Finda-se a canção!

25 de Julho.



Poesias
de
Alzira Reis.

DUAS QUADRAS

Conter o sentimento, quem o pôde?
Ninguém. Mas quanta vez, do coração,
A presente razão, sem dó, sacode,
Com borrifos de sangue, uma illusão!

E essa razão—contel-a, quem o deve?
Ninguém. Mas quanta vez também, na vida,
O coração, em braza, funde a neve
Da razão a sangrar pela descida!

4 de Julho.



EM OLIVEIRA



Senhoritas Anesia Ribeiro e Estella Rabello

Pelo correio

Mlle. Minon. (capital) Recebemos cheios do mais alvoraçado e justo contentamento as suas delicadas palavras de applauso ao nosso constante esforço por fazer uma revista merecedora da sympathia amiga das gentis conterraneas e a sua promessa, que é para nós um alentador estimulo, de contribuir com trabalhos do seu conhecido talento, de que a cartinha a nós enviada é evidente prova para o brilho, cada vez maior, das paginas d'A Vida de Mi-

nas. Mande-nos para o proximo numero, que as aguardamos curiosos, as suas caricaturas dos exaggeros da moda. Hão de ser trabalhos magnificos os do lapis de quem, como v. exc., tão facilmente se revela, nas poucas palavras que nos dirigiu, uma intelligencia digna de todas as atenções.

Sr. Ocín. (Capital) — Recebemos a sua Historia de Paixão e convencidos de que não ha coisa mais engraçada no mundo do que esses primeiros ensaios literarios da alma lyrica dos gymnasianos, não quizemos ser egoistas atirando-a para a cesta, logo depois de nos havermos deliciado com a sua ineffavel candura.

Assim, para que os nossos leitores tambem tenham o mesmo extraordinario prazer espiritual, ahi vae um trecho das Lamentações de Jremias.

"Passeava numa bella tarde de primavera pela tristonha rua da Bahia, quando meus olhos se fixaram numa mocinha. Azle, assim se chamava a mocinha, tinha uns olhos pretos e tão vivos, que pareciam um sol espargindo raios luminosos; seus cabellos tambem pretos e den-

tes alvos completavam o conjunto de sua belleza exterior.

Desde então, comecei a sentir Azle uma certa attracção e evidando todos os esforços, acabei por conquistá-la. Mais tarde, notando que ella prodigalizava a um outro os mesmos olhares que a mim enviava, adoeci acommettido d'esta terrivel doença que se chama melancholia."

E basta, sr. Ocín. De outra vez tenha mais cuidado para não adoecer.

O coração tem mais talento do que o talento tem coração.

QUANTO se é absurdo aos vinte annos ! Nessa idade eu tive a minha quarta paixão. Amei desordenadamente e absurdamente uma visinha loira e avantajada, má pianista mas dona de uns olhos irresistíveis...

Bonita talvez não fosse... Bemfeita, também não digo... Intelligente, não sei... Mal educada provavelmente... Mas o aspecto, em conjunto, agradava e eu só sabia que a amava.

Nas minhas relações com essa moça eu queimei todas as etapas: do simples namoro de esquina eu me achei um dia a seu lado, a sós, numa tipóia de praça, instalado na maciez das almofadas e na grandeza do meu vasto amor...

Rodávamos aconchegados, falando com os olhos que nesses momentos tragicos são na sua humida mudez, de uma eloquencia infinita e doce...

Defrontávamos agora um casarão que a um lado da rua erguia magestosamente seu vasto frontespicio até quasi ás nuvens. Era um edificio de aspecto severo, todo pintado de escuro e tendo escripta no alto esta palavra latina: *Charitas*, em grandes letras talhadas na argamassa.

Minha amada que, neste momento, olhava, offegante, o casario que fugia a nosso lado, reparou no edificio e na inscripção e, através de um suspiro abatido e triste, leu: *xaritas!*...

Esta palavra tão curta, cahio sobre mim com o peso e o fragor de uma granada ! Matou-me e o meu amor ! Berrei ao cocheiro que voltasse á casa. Larguei A.nelia (assim se chamava ella) com um aperto de mão apressado e nunca mais voltei a vel-a.

Ora vejam: eu amava uma moça que talvez fuisse teia; possivelmente mal feita; mal educada com todas as probabilidades; com certeza pouco intelligente e... má pianista, sabidamente...

Esses defeitos e outros por ventura occultos que a cegueira do meu amor não me deixava ver ou, antes, eu os permitia com d.leite; mas que a dona de meus sonhos não soubesse latim, — ah ! isso não !

Quanto se é absurdo aos vinte annos !

M.

Quando for nosso noivado
Será tão lindo o teu véo
Que um anjo o trará, bordado
Pelas santas lá do céu...

Ha mysterios nesta vida que, por mais que se tente explicar, não se pode chegar nunca a uma conclusão satisfatoria.... Garanto que muitos dos senhores já encontraram, na sua peregrinação pela esphera cousas congeneres e que nunca pudestes saber o que significavam, qual a sua utilidade, o que queriam ellas dizer....

Falo isto porque justamente commigo se dá, actualmente, a mesma cousa.

Ha muito tempo ando a matutar sobre a utilidade daquella casa em construcção na Avenida Floriano Peixoto com a Praça da Liberdade....

Será que existam em seus contornos primitivos, bellezas architectonicas que infelizmente os nossos olhos do profanos não puderam desvendar....

Ou, quem sabe, constitue a mesma uma reliquia quasi divinatoria....?

Deve ser isto. Ha mais razão de ser ella uma reliquia do que um monumento de belleza....

Pelo menos, ella relembra, com a sua velhice, a data memoravel em que lhe foi erguido o primeiro alicerce e que, si não nos enganamos, deve estar perdida na bruma dos tempos, bem retirada de nós, em contubernio com a Babel, no convivio distincto de alguma era quasi prehistorica....

A.



Paulo, futuro cidadão ajuizado, intelligente filhinho do sr. Raymundo Tavares, distincto cavalheiro, residente em Belém do Pará.

A Vida de Minas

Innocencia (ingenuamente)—E' verdade.... tal qual... (*emendando-se*)—Mas, quem lhe disse que eu vivo pensando em mecê?

Cyrino—Innocencia, não negue, pelo amor de Deus. Não me tire a certeza de que sou amado, por Nossa Senhora. (*tenta tomar-lhe as mãos; Innocencia esquiva-se*).

Innocencia—Falou em Deus e Nossa Senhora. — Olhe, eu pedi a minha Madrinha (que é a Senhora de Sant'Anna), que, si fosse para meu bem, me mandasse um signal.

Cyrino (com vivo empenho)—Pedi?—E, qual foi o signal?, diga.

Innocencia—O signal foi que era para meu bem.

Cyrino—Obrigado, Innocencia. — Você me alliviou de um peso que me opprimia. — (*fitando os olhos no céu*) Graças vos rendo, Senhora Mãe de Deus e Mãe dos Homens. (*Ajoelha-se, alça as mãos, e fica a rezar em voz baixa uma Ave Maria, no que é imitado por Innocencia*).

Cyrino (tendo acabado de rezar; pondo-se de pé; com grande esperança e energia)—Veja, Innocencia. Lá de Cima Deus approva a nossa união. E' Deus quem nos casa, Innocencia. Agora, mesmo que seu pae não quizesse, eu affrontaria tudo, porque tenho a vontade de Deus.

Innocencia—Si é destino, que se cumpra.

Cyrino—O casamento no céu se talha.

Innocencia (com um subito presentimento mau)—O casamento e a mortalha...

Cyrino—Não fale em mortalha, que parece agouro.

Innocencia—Não fui eu que falei. E' um dicto do povo. Pois o povo não diz?

Cyrino—Diz, sim, mas nem sempre se verifica.

(*Pausa*)

Innocencia—Amar deve ser uma cousa bem feia....

Cyrino—Porque, santinha?

Innocencia—Porque estou toda avexada. Sin-to um fogo que me queima o rosto. Um palpite me diz que estou commettendo um peccado....

Cyrino—Tão pura que enxerga peccado em tudo!

Innocencia—Si alguém viesse agora e nos visse, eu morria de vergonha. — *Seu Cyrino*, me deixe, vá-se embora.

Cyrino—Não, não. Eramos tão bem assim. E' a primeira vez que conversamos em liberdade.

Innocencia—Quem sabe o Sr. me atirou algum quebranto?

Cyrino (protestando)—Que diz?—Nunca! nunca!

Innocencia—Quem sabe aquella sua mézinha tinha alguma herva para me *enfeitar*?

Cyrino (com vehemencia)—E' falso! é falso! —Pela alma de minha mãe, por tudo que ha de mais sagrado, eu lhe juro que o remedio não tinha nada!

Innocencia—Então porque foi que fiquei assim, tão diferente? Si Papae apparecesse agora, não tinha direito de me matar?

Cyrino—Tudo cuida que é mal. —Pois não vê que Deus approva a nossa união?

(*Ouve-se um assobio estridente*)

Innocencia (estremecendo)—Ai, meu Deus! —Ouvii?

Cyrino—Ouvi.

Innocencia—Que assobio é esse?

Cyrino—Alguna abusão.

Innocencia (supersticiosa)—Ou algum signal, quem sabe?

Cyrino (com resolução)—Vou ver. (*Afasta-se*).

Innocencia—Tambem vou. (*Deixa a janella e entra no quarto*).

(*Cyrino sobe e sae. A scena fica vazia.*

Ouve-se segundo assobio, d'esta vez mais estridente. Logo após uma pedra, arremessada da E. A., vae bater á parede do quarto de Innocencia. O luar vae esmaecendo. Começa a alvorecer. O ceo ao fundo começa a tingir-se de tons laranjos e purpureados).

(*Assoma Innocencia á janella. Ao mesmo tempo reentra Cyrino*).

Innocencia—Que foi?

Cyrino—Não sei.—Esquadrinhei tudo. Não tem importancia, socegue. Alguma cobra ou notibó.

Innocencia (contemplando o céu; embevecida)

—O dia vem rompendo. Que lindeza!

Cyrino—Não tarda que os passaros *disparem* a cantar. Vae ser um gosto.

Innocencia—Olhe o ar como está cheiroso! Que perfume!

Cyrino—E' das laranjeiras em flor.

Innocencia (absorta)—Sim. E' das laranjeiras.

Cyrino—A laranjeira é a arvore santa do noivado. D'ella é que hade sahir a capella que lhe ha de engrinaldar a fronte, Innocencia.

(*Rompe a madrugada dos passaros. Augmenta o alvor do dia*).

Innocencia—Nem de proposito. As laranjeiras em flor no dia em que nós nos declaramos.

Cyrino—Vê? São tantos os *signaes* da nossa felicidade.—Ainda duvida?

Innocencia—Não sei.... não sei.... o futuro a Deus pe tence.

Cyrino—Ouça a madrugada dos passaros! Estão a dar-nos os parabens. Veja o dia como brilha!—Tudo se enfeita para saudar o nosso amor. A natureza está a nossos pés, Innocencia.

Innocencia—São horas. Vou-me embora.

Cyrino—Fique mais um pouco. Tão cedo não poderei vel-a de novo. O Manecão não tarda.

Innocencia (num sobresalto)—Ah.... Então sabe?

Cyrino—Sei. Não demora muito, elle está batendo aqui.

SCENAS DA GUERRA

Innocência—Antes de mecê apparecer, casar com elle até me agradava. Não que gostasse, mas só pela novidade, porque elle prometeu de me levar pra villa.—Mas agora tomei um en-joamento... Nem ver!

Gyrino—Fale assim, meu bemzinho. Dá gosto ouvir.

Innocência (em tom de censura) — Porque veio mecê bolir com meu coração que estava quietinho no seu canto? Tanta moça por esse mundo. Logo havia de ser eu?

Gyrino—Você, sim. Porque nenhuma mulher é como você, nenhuma possui os seus encantos, a sua graça, a sua pureza.—Si seu pae quizesse...

Innocência O que, gente?

Gyrino—Dar o dicto por não dicto ao Manecão...?

Innocência—Mecê não conhece o que é palavra de mineiro. Ferro quebra, ella não. Manecão hada ser genro d'elle.

Gyrino—Pedirei a seu pae com tanta rogan-
cia....

Innocência—E' atôa. Escurraçava mecê.

Gyrino—Que tazer então?

(**Innocência concentra-se. Pausa**)

Innocência (com uma subita idéa)—Si o Padrinho quizesse?

Gyrino—Seria a nossa salvação, não é?—Conte, conte.

Innocência—Meu padrinho é o Antonio Cesário. Móra nas Geraes, numas terras de sesmaria.

Gyrino (radiante)—Conheço muito! Dou-me com elle.

Innocência—Papae faz tudo que elle manda (Não vê que elle lhe deve uns favores de dinheiro). Si mecê se empenha com meu padrinho, esta tudo arranjado!

Gyrino (com decisão)—Pois amanhã mesmo me bôto pra lá. E' um *estirão* pequeno; só vinte leguas. Vou e volto num *atimo*.

Innocência—Mas não diga que *tratou* commigo. *Assumpto* como cousa sua.

Gyrino—Já sei, já sei.—Depois de dois dias da chegada me abio com elle. Arranjo escrever uma carta p'ro velho, em que dê de conselho ar-
redar o Manecão.—Tudo se ha de arranjar. Tenho fé em Nossa Senhora.—Parto amanhã mesmo.

Innocência—Despacha, gente! E' hora de Papae apontar por ahi. Si elle nos vê, arma uma zanga....

Gyrino—Adeus, Innocência. Mas, antes de ir, quero prestar um juramento deante de Deus.Ouçá.

Innocência—Meu Deus! Que será?

Gyrino (solenne)—Ou hei de casar com você, ou dou cabo da vida.

(*Beija-lhe as mãos. Afasta-se e sobe*).

Innocência (acompanhando-o com os olhos)—Deus o acompanhe.

(*Fecha a janella*).



Um official allemão, acompanhado de sua esposa, dirige-se á proxima estação, afim de partir para o campo de batalha.

Os senhores podem com isso? Eu não posso. Decididamente não os aturo... Agora, porque desgraçadamente alguns escriptores foram *paus dagua*, todo o homem que escreve um soneto hediondo, ha de beber o dia inteiro para ganhar a immortalidade?

Isto é um paiz liquidado. Olhem. Ali está um homem completamente ebrio atraz de um copo de chopp.

Eu não sei, mas, vendo-se um copo quasi vazio e um homem muito vermelho atraz delle a dizer tolices, num desalinho e uma immundice de ve. tes que causam nojo, a gente que não sabe os habitos da terra e não conhece o pau dagua é capaz de passar por elle sem dar importancia julgando-o ebrio habitual ou cousa peor... Si um amigo prudente não nos avisa que estamos diante de um genio, e que aquillo se chama *philosophia* e é uma coisa muito bonita, é capaz, até, da gente commetter o fiasco de mudar de mesa com nojo do tal homem.

Esse amigo prudente e conhecedor dos habitos da terra vae logo affirmando: "Não está vendo ali, assim?... Pois "aquillo", é um damnado... Todo mundo tem medo da sua pen-

Viagem de Minas

na... E' um arraso. E então quando está assim é que elle é bom...

Vamos lá; elle é fino, tem piada. Você não conhece? Pois olhe, elle é o auctor daquelle soneto (recita um pessimo soneto). Quer ser apresentado?"

Eu, em geral, não desejo conhecer o genio. Ouço mais algumas asneiras que causam admiração aos do grupo e vou logo para casa, pensando que o Brazil é um paiz perdido, que somos um povo de ignorantes e de viciados...

Os genios... decididamente não os aturo... Os senhores podem com isso?

Eu não posso,

Só duas vezes Maria
Eu vi, e me lembro que,
Na primeira, namorava
Um rapaz na *matinée*.

Depois Maria, casada,
Encontrei, e lembro que,
Desta vez inda ella estava,
(Que acaso!) de *matinée*.

Filipe D'Araújo

PIC-NIC



Photographia apanhada durante um grande *pic-nic* realizado na ultima quinzena, em Capella Nova.

Os novos livros

Figura hoje em uma das paginas desta revista um brilhante trabalho de Fernando de Azevedo, intellectual de grande valor, que acaba de editar, nas officinas da Imprensa Official, o livro *A Poesia do Corpo*, em que trata da gymnastica escolar, sua historia e seu valor.

Para os que não conhecem a personalidade litteraria do joven escriptor senão através de alguns artigos politicos esparsos pela imprensa diaria e de algumas produções poeticas de accentuado sabor classico, o seu livro de estréa será uma inesperada revelação de intelligencia não vulgar e de profundos conhecimentos de pedagogia, principalmente na especiali-



Fernando de Azevedo, autor da *Poesia do Corpo*.

dade a que consagrou 210 paginas de um estudo paciente, apresentando-se candidato, perfeitamente armado de invejavel cultura, á vaga de professor da cadeira de gymnastica e educação physica do Gymnasio Mineiro.

A leitura conscienciosa que fizemos do livro, trouxe-nos a convicção de que o nosso talentoso confrade logrou, com a maxima gallardia, preencher sensível lacuna da nossa litteratura, escrevendo, em estylo empolgante e puro vernaculo, uma obra didactica de assinalado merecimento, talvez a unica no assumpto em lingua portugueza. Desde o exame dos

titulos das tres grandes partes em que o trabalho foi dividido pelo auctor. — *O Estado de Questão — Factos e Interrogações — Escolas e methodos: á qual a supremacia. — Importancia do problema no Brasil; applicações que o soluccionam* — claramente se vê que Fernando de Azevedo, preocupado em fazer chegar ás mãos do nosso professorado um compendio que resumisse em suas paginas os conhecimentos indispensaveis ao desenvolvimento da cultura physica escolar: e ao aperfeiçoamento dos methodos applicados no Brasil, não só abordou o assumpto com proficiencia, mas fez bellissimo estudo critico-litterario das diversas escolas, adaptando sempre as suas observações ás necessidades do nosso meio e ao programma do Gymnasio Mineiro.

Justificando a feliz escolha da epigraphé "*A Poesia do Corpo*", o auctor escreve no prefacio :

« E' a expressão synthetica da concepção moderna da gymnastica, que, no seu elevado intuito pedagogico, é de facto e não póde deixar de ser a poesia do corpo. Sciencia e arte a um tempo — basea-se toda na biologia, nos principios anatomico-physiologicos para alcançar a saude corporea que é a condição fundamental da do espirito, e tem a realizar um fim duplamente esthetico "o bello na forma e no movimento".

"Suggeriu-nos o titulo o pensamento de Lion, que assim costumava encarar-a, firmando nós preliminarmente que — como a poesia, na phrase lapidar de Edgar Poe, "é a criação rythmica do bello", a gymnastica escolar, no seu caracter hellenico, tende, por um methodo racional e graduado, á realização do bello no corpo, á criação da belleza plastica, que não é senão o producto do perfeito equilibrio dos órgãos do corpo humano, e do desenvolvimento symetrico e normal das partes que o integram".

Os srs. Caldeira & Irmão acabam de abrir uma importante casa commercial, á rua da Bahia n. 884, com especialidade em perfumarias finas, chapéus, calçados, roupas brancas etc., tudo comprado em excellentes condições para, em guerra aberta contra a crise, poderem fornecer á gente de bom gosto cá da terra os melhores artigos dos mercados nacionaes e estrangeiros.

« **A Noticia** » — A imprensa mineira enriqueceu-se ultimamente com o apparecimento, em Cambuquira, d'*A Noticia*, jornal independente que apresentou um magnifico numero de estréa.

Parabens aos novos colegas.

Pelo Oeste de Minas

O sr. Mario Soares Rocha, distincto cavalleiro amigo d'A *Vida de Minas*, sahirá brevemente em viagem pelo Oeste do Estado, onde vae tratar dos interesses commerciaes desta revista.

Esperamos que seja sempre muito bem acolhido naquella culta zona o nosso emissario, que é um moço digno por todos os titulos.



Foi com Affonso Lopes Vieira que eu vim a saber da alegria dolorosa de recordar, de viver as horas que não veem mais....

«Velhas recordações, doces lembranças»...

Mesmo que a Vida não tenha sido para a gente daquelle encanto branco que fez o poeta leiteiro da minha rua pensar um «mar de rosa» e de leite», mesmo que a gente tenha passado pelas ruas da vida como um desamparado «street-dog» ao vento e á chuva, mesmo assim o passado é melhor....

Havia cousas melhores no passado....

Si querem ver escutem os velhos que sempre dizem, depois de um longo suspiro de

saudade— Ah! no meu tempo no meu tempo....

E o velho conservador de barbas brancas que affirma que no seu tempo ainda existiam homens de caracter, homens politicos mais fortes,—moral e physicamente....

E a velhinha que diz que no seu tempo, as moças eram outras....

Ora, afinal, de tudo isto a gente sabe; mas é sempre esta a cantiga dos velhos, que elles não se cansam de repetir....

E os velhos é que devem ter razão....

Elles viveram toda a vida, sentindo-a, ás vezes, tumultuosamente, como ella deve ser vivida; e ninguem, melhor do que elles para ter a sciencia do que é mau para o presente e do que foi bom para o passado....

A's vezes eu me deixo ficar horas e horas a reler uma revista velha, a reanimar todo aquelle scenário, todos aquelles personagens que ella registrou em suas chronicas e sueltos....

Vivo muito do passado, pela saudade da minha memoria, pela tristeza de recordar....

E porque a saudade me faz lembrar, sentir a felicidade já passada, vivo mais dessa alegria dolorosa, convencido de que a memoria é talvez o mair bem da Vida....

A.



SAUDADE

Só quem sente pungir-lhe o acerbo espinho
Da nostalgia — na indizível ancia
De respirar a tepida frañancia
Das flores da amizade e do carinho ;

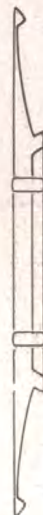
Só quem vive distante do seu ninho,
Longe das illusões da sua infancia
— Sabe sentir as dores da distancia
E sabe o quanto dóe viver sósinho...

Dizei-me corações sem lar, quem ha de
Fugir ás frias garras da saudade,
Vivendo entregue á escuridão do exilio ?

Viver longe do lar e satisfeito !..
Só quem não sente no intimo do peito
Pulsar de amor um coração de filho...

BAPTISTA SANTIAGO

Bello Horizonte, 1915.





Ultimo festim

Je danse sur l'ardeur des lys.

D'ANNUNZIO

— Convivas ! meia noite vae soar...
Exgottou-se o ultimo sophisma... E' preciso que sorvamos a taça; antes que ella approxime, a Deusa insulsa — Nossa Senhora a Realidade !... Já a vi, pelas mãos do Tedito guiada, penetrar neste recinto sagrado de magias.

Dispamos os thyrsos das rosas e dos myrthos e cubramos de luto os marmores, os marmores espectraes que nos fallam.

Paira sobre os crystaes somnambulos deste banquete o perfume lethal do ultimo sonho, e, pelas nossas carnes, sentimos roçar os mantos alpidos do extase eterno !...

Denunciaram-nos ao Destino !...

O sangue corre-nos pelas arterias em calvalgata... Dizem que la fóra, todo diademado de lyrios, o luar é um infinito consentimento...

Cantemos, as mãos a sangrar, o dithyrambo final na lyra partida de Apollo...

Capitulemos !

A Morte é a volupia secreta da Vida; e que ella seja a escultora desse instante eterno...

Não ouvis ao longe, a soluçar entre geleiras, um violino branco que nos chama ? E não sentis, na alma dessa melodia infinita e diabolica, o enlevo sensual de não existir ?..

Deponhamaos o escudo fallido e a lança quebrada aos pés da Belleza que nos quer !

Vêde : — do ventre corinthio desta taça, vaporam suggestões allucinadoras de abandono e morte...

Bemdito o azul do sonho na purpura erythrina do sangue !

Uma risonha piedade e um adeus para aquellas (as soffredoras da Belleza) que alli soluçam nos divans o mysterioso horror de nos ter amado, sem nunca nos haver comrehendido...

Eis a lyra, o thyrsos, e a taça lethal... Que seja ultimo sonho a primeira Realidade. Que agora os lyrios caiam sobre nós, exangues... exangues, mortalmente feridos...

— Convivas ! Meia noite vae soar... vae soar infinitamente...

Antonio Verde

PELO ENSINO



PROFESSOR GOMES HORTA

Iniciando hoje uma reportagem photographica pelos diversos estabelecimentos de instrucção primaria da Capital, "A Vida de Minas" presta merecida homenagem nestacolumna ao distincto cavalheiro, sr. professor Gomes Horta, inspector escolar que superintende, com intelligencia e dedicação inexcusaveis os trabalhos do culto professorado publico de Bello Horizonte.

Um sorriso para tudo...

(Livro de Alvaro Moreira)

Antigamente, lá, pelos bons tempos de Voltaire, sabia-se rir melhor.... E o povo ria, a nobreza ria e o clero, o proprio clero tambem ria.... O riso era mais generoso. A alma do riso de Voltaire, sem ser amarga e melancholica era bondosa, não obstante aquella má fama que se formou em torno della. A nobreza, ainda ciosa dos seus velhos brazões cavalleirescos, ainda ria nobremente. Mas ria. O clero, cuja austeridade impassivel creava escolas de no-

breza, ria, como fundamentando um dogma, alicerçando algum principio. O povo assistia às vezes ao decepar de uma cabeça, com um sorriso de belleza nos labios.

Hoje não. O cidadão republicano levanta-se, recebe gravemente a benção dos pequenos, enterra tragicamente o chapéo na cabeça e depois de sobraçar a pasta de papeis e um volume de Schopenhauer (isto quando lê, ordinariamente o cidadão republicano não lê) dirige-se gravemente como quem vae para o açougue, rumo aos varaes da repartição, onde chefia um apartamento de rapazes sorumbaticos.

De noite, si, por excepção, quer rir um pouco, vae a uma casa onde se diverte, isto é, onde o atrabiliario se embriaga para poder rir, ainda que aquelle riso alvar de animal inconsciente, aquelle riso mão que Voltaire e os seus contemporaneos, para felicidade sua, jamais conheceram....

Numa das portas de «Le Rat Mort» o «cabaretier» mandou que se puzesse em letras vermelhas a legenda—"Ici on rit".... Como bem comprehendeu esse "cabaretier" de espirito a philosophia ironica da existencia de agora!

"Ici on rit".... Era preciso esse distico deslocado da epoca, fora do seu tempo, para que o cidadão republicano soubesse que ainda, em algum lugar, o povo ri.

A impecabilidade do gesto, a belleza harmoniosa e rythmada da phrase ou dos sons que por accaso emittisse, fariam de algum bandido um estheta de valor....

Alvaro Moreira que é um Poeta, preferiu sorrir. E como um satyro que, de um emaranhado de folhagem, contemplasse, illudido e retrogrado, um quadro de Ticiano numa moldura holeandeza, elle, olhos do fundo do seu sonho, teve um sorriso de belleza para a Vida que cultúa como um barbaro, sorrindo divinamente para tudo....

Agenor

Christo foi pobre mas teve
Tres reis magos, meus fieis,
E quantos ha neste mundo
Que não têm tres magros reís !

Felix d'Arruda

O mesmo mal me agonía,
Quando tens palpação,
E' que conversam, Luzia,
O meu e o teu coração.

Ballada da lua

*E' noite, vai alta a lua
Barco perdido no Céu.
Seiena e doce falua
Procurando a imagem tua,
Vai tão triste assim como eu!*

*Dormem as rosas, as vinhas.
Nesse silencio infinito...
E a beira dos caminhos
A lua estende as suas linhas
Sobre as rochas de granito!*

*Nessas noites silenciosas
E brancas como um altar
Ha falas, mysteriosas
Que vêm do cheiro das rosas
Do seio do nenuphar!*

*Ha falas, canções maguadas
Pelos vales, pelos montes.
E nos ramos das estradas
Tocam harpas encantadas
Emquanto choram as fontes!*

*Que infinita tristeza!
Quem resistir-te, quem hade?
Foi a lua com certeza,
Da noite a branca Prinoeza
A triste mãe da Saudade!*

*As falas do luar, querida
Nos entram no coração
E ahi ficam toda a vida,
Numa expressão dolorida
Como uma triste canção!*

*Viram-te um dia passar
Em noite assim os meus olhos,
Mais branca do que o luar,
Ias feliz, sem pensar
Que a vida é cheia de abrolhos.*

*Tempos depois já passados,
Entre as flôres do balcão,
Meus tristes olhos coitados
Viram teus olhos maguados
Da lua ao doce clarão.*

*E essa suave tristeza
Que vinha do rosto teu,
Nao sei si vinha do céu...
Mas a lua com certeza
Foi que, ao ver-te, entristeceu!*

Archangelus Guimaraens

Correspondencia de Fradique Manso

Minha doce Lucy.

Hontem, no Bar do Ponto, tive lagrimas, a voz perturbou-me, num sentimentalismo vulgar proveniente da ultima cerveja e das cousas sublimes de suito reveladas, quando li num jornal o teu nome, entre outros vagos nomes, a annunciar aos ventos que a fome em breve seria aqui uma simples figura de rehorica.

Era a "Sopa dos pobres".

E, numa injusta approximação de idéas, evokei Eça, magro e mordaz, rastreando, monoculo ao olho, as lanjeoulas vivas da Vaidade, que o Jornal amplia, coore, v. lgariza, com o aceno, ao mais modesto, de um momento de notoriedade escripta.

Tudo era uma illusão, porque, igual ás tuas irmãs em Eva, nem és vaidosa, nem, si o fôras, ás pregas metallicas de uma ironia sorrindo se justificariam ante os enluvados dedos aristocraticos baixantes para o soccorro aos famintos, como diria aquelle bacharel provinciano...

Entretanto, como o espirito é incontentavel, e até se discute a existencia de Deus, para desespero do sr. C. de Laet,—po que não poderia o scepticismo do meio farejar um pensamento menos altruista, digamos—um exhibicionismo gracioso e bom—no modo por que a Caridade—sedas e pó de arroz, coty e casquinadas de riso, vestida para um baile—faz, mostrando a porcelana dos dentes á tristeza dos miseraveis, uma confidencia:—Lêde o "Minas". Vinde a mim e confessa publicamente, no Parque, ao mundo official e á graça feminina, que tendes fome!?

Que tendes fome... Um pouco deshumano.

Considera que nem todo pobre se confunde com um mendigo.

E são os silenciosos, vidas falhas e nobres, boccas envelhecidas e guardando nas rugas beijos romanticos apagados, olhos congelando saudades de tanto esplendor extincto...

Toda essa gente delicada e triste, ás vezes de uma susceptibilidade aguda, suspende, num crepusculo de sangue, o passo monotano á beira das Cidades que refulgem, lá em baixo, numa irradiação tremula de luzes, torres e domos, agulhetas e coruchéos,—sons de um "nocturno" sob lustres, decotes num salão de baile, a apothese ao sonho de um poeta...—tudo que compõe a Vida Mundana, hoje vestida de caridade para mais fundamente estabelecer o contraste entre esses dois mundos eternos...

Lembra-te tambem de Christo, não o Christo do Palacio da Liberdade; mas o suave Christo

de ha millenios, o Christo de Renan e do Papa, de Strauss e do P. Ozamis.

Emfim, o Christo.

Ora, Christo dizia... Que dizia o Christo? Já não me lembra... Diabo desses automoveis que passam! Ah! sim...—Que quando se desse esmola com a mão direita, a mão esquerda de nada desconfiasse.

Mas naquelle tempo não havia jornaes. E si os houvesse? A visão se transmudaria:—Morre a tarde. Cae do céu, como uma bençã fluida, o oiro agonizante da luz oblíqua, e a pa' divina edulçora as cousas e os corações. Oh! Jerusalém! E' á hora em que os rebanhos recolhem, na imprecisão das longitudes... E um reporter da "Folha de Israel" aborda na rua um grave cidadão apertado numa grave sobrecasaca:

—Doutor, eu queria saber si v. exc. fará outro sermão da Montanha...

Teriamos, então, um Christo modernizado, fazendo *meetings* e phrases de effeito, como o sr. Ruy Barbosa, esse esperançoso Messias das esperanças indigenas, e sabendo que o Cinematographo e o Jornal lhe fixariam os gestos em gravuras e commentarios, para a platêa da curiosidade publica.

Tú não és Christo, és Lucy.

Christo era um Deus, e si elle, o Perfeito, por hypothese era passivel de tal fraqueza humana porque tua alma de moderna, fincada rijamente na existencia moderna, não poderá se abraçar ás elegancias da vaidade e ir, tuas em fóra, num idyllio roseo, espalhando sorrisos e caridade?...

Creia-me teu admirador que te beija as mãos caridosas.—Fradique.

E. D.

ORNA hoje a nossa capa uma reproducção do bello quadro LA MAGDALENA, de Carlos Dalci, existente no museu de Florença.

Não dirá que és assassino.
Quem te vir, bondosa flôr,
A ti que, meiga menina,
Sem dó, me *matas* de amor.

A moda é uma soberana, cujas ordens não soffrem opposição. Suas fantasias são leis, seus caprichos oráculos,



Photographia apanhada, á hora do café, no jardim da casa em que residem os nossos collaboradores Daniel de Carvalho e Camillo Filho e o dr. Viriato Mascarenhas. Vêem-se também o collaborador desta revista Justino Carneiro, o dr. Carlos Pinto e o sr. Jayme Brochado.

AVISO

Exerce as funções de secretario da administração d'A Vida de Minas, a convite do nosso director, o sr. José Braz Gesarino Filho, moço que tem conseguido as melhores sympathias no nosso meio social, pelas suas invejáveis qualidades moraes e intellectuaes e que está auctorizado a assignar quaesquer documentos de responsabilidade para a revista.

Por iniciativa do sr. Ignacio Bastos acaba de ser fundada em Cambuquira uma associação destinada a propugnar o progresso e a cultura da prospera localidade sul-mineira. A primeira directoria do Gremio Cambuquirense ficou assim organizada :

Presidente — Dr. Thomé Brandão.
Thezoureiro — Sr. Vicente de Vilhena.
Secretario — Sr. Ignacio Bastos.

Commissão literaria : srs. Polydoro de Azevedo Lemos e J. de Rezende Junior.

Commissão musical : srs. Cicero Azevedo e Ignacio Bastos.

Commissão sportiva : srs. José Augusto Cesar e Humberto Dias da Silva.



VIDA ESCOLAR — Grupo de alumnos da Escola Infantil Bueno Brandão.

VERSOS

DE

TEIXEIRA

DE SALLES

Vœ soli



A' memoria de

ANNIBAL THEOPHILO

alijado do convívio dos bons
pelo golpe traiçoeiro e vil da
perlidia aleivosa.

Vago e sombrio vou pela existencia afora
Serp que a luz da razão me aponte o bom caminho :
E' por isso que tenho o olhar de alguém que implora,
E é por isso também que se me vêm velhinho.

E sob a carinhosa uncção da lua nova,
A' caricia aromal das noites irisadas,
Sinto que se me abre a terra para a cova
E corre-me no sangue o frio das ossadas...

Anceia a alma vencida a escalada do bem
Em cujo apice a fé rejuvenesce e brilha :
Icaro de azas de cera — o sol que te detem
E' o sol que a humanidade exalta e maravilha ;

E' o sol que reconforta o carcere, a sangrenta
Epopéa sinuosa e lobrega da lucta,
O ideal que mais excite a cobiça sedenta :
Nero é o homem que serve a Roma dissoluta...

Em torno ao mal infecto a aspiração corveja,
E a vida se me antolha um serralho em ruína
Na torpeza infernal do odio que dardeja,
Na hypocrisia audaz que as faces illumina...

Redemoinha, infrene, o poviléo em busca
Do prazer que o excite e lhe pompeie a vida ;
O brilho da pureza immacula se offusca
Atravez da aleivosa ambição desmedida...

Seja qual for o meio : o roubo, o assassinato,
O vilipendio, a ira, a calumnia, o doesto,
Seja a voz de Asmodeu dos homens patronato
Ou seja sob o arnez severo do Digesto ;

Nada se sotopõe á soffrega avalanche
Da humana contingencia enaltecendo o crime :
Judas vendendo um beijo e a terra que se manche
Para o juizo final que abençoá e redime.

Nas vascas da volupia, um fremito circula
Da alma humana servil toda a escala vetusta :
E' a sensação do mal que aos corpos inocula
Do sangue effervescente e rubro de Locusta.

Campeia, impunemente, a audaz concupiscencia,
A infamia, a tyrannia — avassalando os lares
Em cujo interior a lubrica consciencia
Ergue um altar a D. João e outro altar a Phalaris.

Ao dolo, á traição, ao despeito que explode
E estravasa e ensanguenta a envenenada bocca,
O negro torvellinho as entranhas sacode
Da Hydra que arremette, extenuada e rouca.

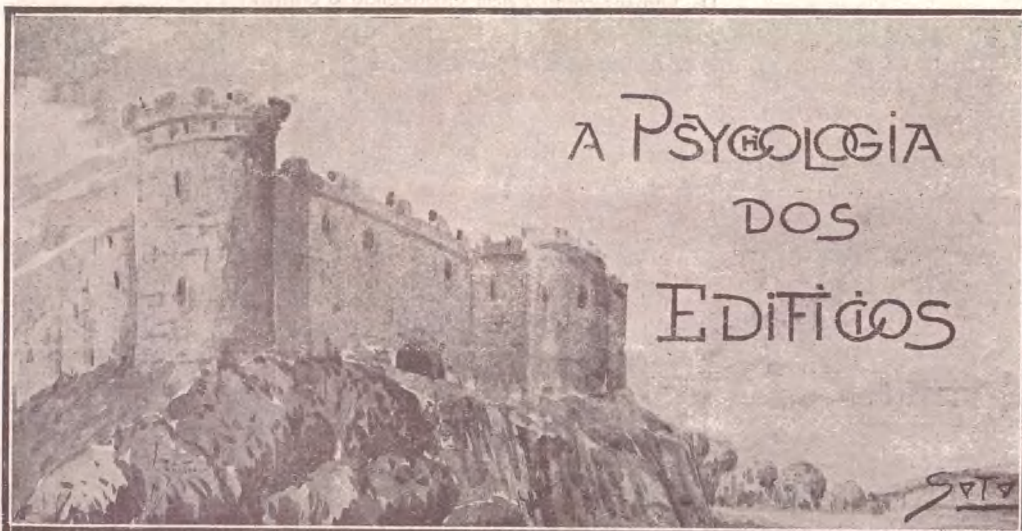
Antes que a sã moral a contenda destrince,
Prefira-se a justiça humana desvendada,
Que tem, para escolher, olhos fundos de Lince
E tem, para julgar, o ardor de Torquemada.

Ha um diluvio de luz na opulencia dos olhos
Fitos no aureo esplendor das libras ou do dote :
A' consciencia lesiva as leis são como escolhos..
Recorra-se ao punhal ou chame-se Lamotte.

E me venço ao terror que a humanidade exalta,
O atavico poder que os homens maus conduz,
E me occulto enojado ao vozear da malta
Que eleva Barrabáz e assassina Jesus...

Sem o sol da razão que as almas revigora,
Isolado, palmilho o meu longo caminho :
E' por isso que o riso os labios não me inflora,
E é por isso tambem que já nasci velhinho...





A psychologia dos Edifícios...

E os edificios também terão alma? ... Sim; têm alma, como tem igualmente uma physionomia particular: physionomia quasi de emprestimo, que não é somente sua, nem somente dos objectos que os circumdam; alma que não sente, mas que faz sentir... alma que baila no ar, feita da impressão das cousas que os rodeiam, do seu estylo architectónico, dos fins a que se destinam, das suas tradições historicas, e, em grande parte, da subjectividade, com que os encaramos... alma, enfim, dotada de um mimetismo, que os faz tomar o aspecto do meio e a côr das tendencias da epocha, em que se construíram...

Os estylos encarnam as tendencias de uma epocha. A architectura é o povo. Nem seria difficil reconstruir as paginas e os diversos estadios da civilização, percorrendo as reliquias architectonicas, que não foram annuviadas pelo pó dos escombros, e que o tempo respeitou.

Na Grecia os edificios são regulares, as linhas harmonicas e puras como a placidez do ciliu, as tendencias da esthetica hellenica e a serenidade das paizagens de Corinto... São um plagio constante da natureza: alli, como em toda a parte, a natureza e a arte se correspondem e se influenciam. A propria sobriedade dos seus ornatos lembra o capitel da columna corinthia, que nasceu, por imitação de Callimaco, de um pé de acantho que crescera em roda d'um cesto, e cujas folhas largas e viçosas o cercaram em voluta.

No periodo romano as construcções se consolidam, e, por assim dizer, se petrificam. É a tendencia da concentração e da solidez desse imperio, que se marmorizou na cidade eterna, em obras como as do Coliseu e do Capitolio. Na edal: nãdi, essas construcções, em que a harmonica variedade dos ornatos e ogivas fundamenta a unidade do edificio, corporificam o anseio incontido pelo infinito, o mysticismo das homelias de Claraval e a metaphysica da philosophia thomistica... Em nossa epocha, porém, sem tendencias decisivas, nesta dubiedade dilucular dos espiritos, os estylos de architectura se confundem e se misturam...

Mas quanto influe o meio nesta psychologia!... Transplante a esphinge do Egypto—esse formidavel monumento estatuario para o borborinhode Paris ou para o nevoeiro de Londres... e ella perderá aquelle ar enigmático e interrogativo, que lhe puzeram os viajantes, e que a solidão do deserto aprofundou. E—deixando esses monumentos, que apenas tratamos dos edificios—se dependuraes, na cumeada d'uma montanha, como um ninho de aguiá alcandorado nas solidões roqueiras, este mesmo edificio que para ali tendes n'um bairro aristocratico, quanto se lhe modifica o aspecto, ao se esbaterem nas janellas os tons luminosos da suavidade opalina do poente, ou ao se lhe quebrarem nos altos eirados as tintas dos «dedos roseos» da manhã!...

Os edificios falam na sua nudez... E como falam!... Ao passarmos por uma escola infantil, desfila-nos aos olhos a fita variegada e po-

Álma de Minas

lychromica dos cortejos garrulos das creanças. Sua alma é feita do riso ingenuo das creanças... E os ruidos subitos, nos fôrros dos vigamentos ou nos desvãos da galeria, parecem phrases balbuciadas de creanças, dando risadinhas e guinchos, quando contam as suas novidades...

Mas ah! passam-se os annos... E o edificio escolar de hontem transformou-se hoje n'uma cadeia. Ao lado das impressões suaves, que as ideias associaram, e agora despertam, toma o edificio o cenho dos que o habitam. E' a psychologia dos contrastes. O fundo e as segundas perspectivas conservam a côr do tempo, em que ainda as creanças enchiam as galerias com seu palavreado satisfeito... e neste fundo encantador, aquellas janellas rasgadas, que pareciam hontem petalas de labios abertos n'uma risada infantil, são atrevidas e petulantes, e trazem um geito escarninho e peculiar da gentilha... E' o crime, é o remorso que ali parece escancarar a bocca n'uma expressão synthetica de dôr collectiva...

Ah! quanta poesia! quantas almas fundidas n'uma só alma nestes casarões velhos e soturnos, em que gargalham epicedios de corujas, e onde urdiram as aranhas suas teias de fancaria, na paz da solidão... As proprias flôres, que ali emergem do meio das suas ruínas, parecem guardar na fresca e avelludada corolla o mimoso depositario de nectar, receiosas de despertarem com seus effluvios — particulas desprendidas de suas petalas — o ambiente solitario onde nasceram.

Aqui... Quanto espiritualismo nestas mysticas cathedraes gothicas, construidas sobre colinas, e que «figuram as prôas de uma nave sulcando as ondas do tempo». Quem ali não se terá esquecido do corpo, ao deliciar os olhos naquellas arcadas de porphyro e granito, e naquella floresta de ogivas, por onde se nos escapam as almas á procura do infinito! A grandza de seus zimbórios rotundos, entestando com as nuvens, se contrasta materialmente com as atalaias esguias, em que brilham as almenáras do castello mourisco, lembra, porém, como estas, a mesma expansão do psychismo medievo, e o sequito das mouras conversas, embiocadas nos seus véos, de marcha sobre lindas hacanêas para o epithalmio das maias...

Além... Aquellas obras megalithicas, talhadas para se eternizarem no mesmo molde primitivo, immoveis, graniticas e sobranceiras como o tempo, tomam a physionomia austera dos guerreiros, despertam a coragem, acirram os instinctos bellicos. O estylo massudo dos edificios manuelinos, é o symbolo da estratégia dos tempos antigos... materializa, embrutece o espirito sob as quatro patas do corcel



As encantadoras creanças Stella, Ca rilho, Be-raldina Ribeiro e Oswaldo Carrilho, photographadas para "A Vida de Minas".

ou a espada bruta de Carlos Magno, que logo nos recordam...

E' uma alma, pois, imprecisa e vaga, esta dos edificios; alma — particula das aspirações do tempo que os viu construir; alma — particula das almas das pessoas que os habitaram e que os habitam; alma — particula do meio em que se acham; alma — particula do subjectivismo das pessoas que os contemplam. Se é verdade que, para quem é moço, os edificios mudos falam muito, tagarellam, riem, cantam, choram (*sunt lacrimae rerum* do poeta) porque ha superabundancia de sentimentos no coração juvenil e um delirio pantheistico; muitos edificios ha ainda, muitos... que só falaria a velhos e poderiam ser apreciados através do prisma das lagrimas da desillusão, ou, como diria Veuillot, por olhos que já choraram...

FERNANDO DE AZEVEDO

O THEATRO NACIONAL

Com o movimento espontaneo de aproximação entre argentinos e brasileiros, favorecendo o intercambio intellectual entre as nações sul-americanas, parece que teremos agora mais uma tentativa para a fundação do theatro brasileiro.

O sonho de ouro de Arthur Azevedo, que empregou o melhor de sua energia para ver si despertava entre nós o amor pelo theatro, não floresceu nos seus dias e o saudoso comediographo maranhense sómente teve em vida a satisfação de ver concluido o faustoso Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que constitue uma das provas da sua resistente fibra de luctador,—si bem que, pelo seu luxo excessivo pelo seu aspecto interno de uma opulencia em verdadeira antithese com a condição de relativa humildade economica da nação, não tenha o Elephante Branco, como espiituosamente o denominaram os cariocas, preenchido os fins para que foi construido.

O theatro, que sempre appareceu e attingiu ao seu maior esplendor quando um paiz toca ao apice da sua civilização, ainda não teve entre nós o seu periodo embryonario; ou, si o teve com Martins Penna, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Achilles Varejão, até o periodo em que se pôde dizer que, com França Junior, foram lançadas as bases da comedia brasileira, resvalou num pequeno declinio por alguns annos, para novamente refulgir no periodo do florescimento de Moreira Sampaio, Arthur Azevedo e outros, época em que se poderia perfeitamente ter firmado as bases da sua fundação, si não viesse cahir nas revistas de anno, nas traducções de peças ligeiras de um ligeiro repertorio francez, rematando a falta de gosto e de espirito que se nota actualmente, em que os manipuladores de revistas ou, mais propriamente, de desparates theatraes pullulam, cada qual mais atrevido e de maior penuria no chiste.

Estimulada pelo exemplo e pelo esforço de Arthur Azevedo que, ainda em tempo, procurou resarcir a malefica influencia que exerceu sobre o espirito publico derramando profusamente a sua verve inexgotavel em burletas e revistas de anno, a geração actual conta espiritos de eleição que se vão dedicando a esse genero literario em que o triumpho é mais embriagador, em que a consagração de um artista se faz no espaço de algumas horas, mas que tambem exige mãos habéis de tecelão exímio para o entrançar das malhas do seu tecido, alem de pendores naturaes que, por assim dizer, se vão accumulando atravez de varias gerações,—qualidades que se transmittem sempre melhorando, com o proprio genio de uma raça.

Gomes dos Santos, em uma conferencia sobre

o «Theatro portuguez» na Faculdade Livre de Philophia e Letras, de S. Paulo, disse que «os theatristas da nossa lingua luctam, em geral, com as difficuldades do dialogo. Si a França tem os melhores autores de peças de theatro, é porque os francezes são os primeiros e os mais subitos conversadores do mundo. A sciencia do theatro só nos chegará depois de adquirida a sciencia da conversação, para a qual, confessamos sem rubor, temos uma negação decidida.»

São estes, verdadeiramente, os liames que ainda estorvam o vôo livre dos autores nacionaes. Os nossos patricios ainda não puderam libertar-se do preciosismo, das tiradas literarias, achando talvez mesquinho vasar os grandes themas em dialogos simples, ligeiros, á feição da vida real, preferindo ser mais literatos que autores, na phrase subtil do escriptor hespanhol dom Francisco Flores Garcia. Falta-lhes alem disso, o conhecimento intimo do *metier* theatral, a permanencia no recesso da scena de forma a surpreender-lhe os segredos, aquillo, enfim, que fazia de Sardou, que não era um literato no sentido estricto do termo, um autor que não conhecia o insuccesso,—qualidade a que alguém denominou carpintaria theatral.

Entretecer a acção de modo a sómente aproveitar o essencial do assumpto e conduzi-la de forma a tornal-a tão concisa quanto possivel, sem que no seu feitiço synthetico ella nada perca da sua energia emocional e expressiva,—é no que se resumem as difficuldades da litteratura dramatica.

«O grande poder da feição dramatica, disse Julio Dantas, reside no movimento expressivo.

O melhor drama moderno será aquelle que no maximo do movimento, empregar o minimo de palavras.

Embora leigo no assumpto, não me parece que já tenhamos attingido ao estadio a que se refere o notavel escriptor portuguez. As peças nacionaes ainda se resentem de muita rethorica e parece que, lidas, agradarão mais do que representadas. Arthur Azevedo parecia ter conseguido libertar-se desse defeito quando escreveu o *Dote*, o *Retrato a oleo*, a *Almanjarra* e outras peças de uma empolgante naturalidade, em que as scenas se succedem com a verve mais feliz e com uma graça espontanea e sadia. É pena que Gastão Tojeiro, Raul Pederneiras, Bastos Tigre, Gastão Bousquet e outros não se afastem do genero revisteiro, que é tão limitado no tempo e no espaço,—só vive um dia e sómente diverte a quem tiver conhecimento das *charges*.

Esriptores de aptidões mais do que promissoras não nos faltam; o que nos falta é disciplina e... que o governo estenda sua mão protectora aos que luctam pela regeneração do theatro nacional.

ASSIS VIANNA

Vida de Minas

VITAL

Desde que o Vital para ali se mudára, o logarejo perdera a sua monotonia habitual de calma e socego. O Vital era um caboclo robusto, de hombros largos, cara redonda e antipathica, dentes limados em ponta, barba vasqueira. Nunca vestia palitô. Usava calça de brim e camisa de chita, tendo sempre na cintura o largo correão de fivellas nikeladas, donde pendiam a comprida garrucha de dois canos e a inseparavel faca de bainha de prata, luzilente.

Aos domingos ia para as vendas, onde obrigava os pobres roceiros a beber restillo á força.

E ali daquelle que recusasse — dizia elle, havia de engulir uma pipa inteira.

E o Vital bufava, rangia os dentes, riscando o balcão com a faca ponteaguda.

—Que apparecesse o atrevido, que viesse armado até os dentes. Tinha mandinga para as balas, que lhe não penetravam no corpo curado, e pulso valente para arrotear o desaforado que não bebesse a sua cachaça.

E assim vivia o cabra, que não pagava nas vendas, e que, á noite, no marimbo, roubava as escâncaras, sem que nenhum dos parceiros se atrevesse a abrir o bico.

—E' uma fêra, cochichavam os pacatos habitantes de S. Manoel. Por dá cá aquella palha bota p'ra fóra as tripas dum pobre christão.

E toda gente tremia deante do Vital, do mu-



SCENAS DA GUERRA - QUADRO DE GENESCO MURTA

Milda de Minas

lato valente, que de uma feita, em S. José do Calçado, tinha desancado uma patrulha de soldados de policia.

Naquelle domingo, então, o Vital amanhecera mais azêdo e mais provocador.

Uma boa duzia de cabras havia já engolido a sua cachaça á força, e um creoulo espadaudo e alto, que não tinha vontade de beber, tomou com o copo no frontespicio.

Neste entrementes, estaca deante da venda um macho preto com arreata de prata. O cavalleiro apeia e é recebido por todos com manifesta alegria. Era o Zé Maria, um tropeiro sympathico e franzino de que toda gente gostava, pelo seu genio expansivo e folgazão.

Zé Maria mandou botar logo uma meia da boa, para que bebesse á sua. O copo correu de mão em mão e, quando o passaram ao Vital, já quasi vazio, elle atirou com o restillo para fóra, mandando o vendeiro que o enchesse de novo. Isso feito, passou-o ao tropeiro:

—Que engulisse tudo de um só trago. foi dizendo... E apprendesse a ser delicado com os mais.

Zé Maria fitou-o surpreso, enquanto os outros lhe acenavam que bebesse, que bebesse, que o cabra era perigoso. Mas o tropeiro sentia-se revoltado deante da brutalidade do insulto, do provocante desafio de aquelle mulato arrogante, que bamboleava deante delle com

o largo correão de fivellas nickeladas, a comprida garrucha e a faca reluzente.

—Avia-te, "seu coisa", berrou o Vital, rangendo os dentes e acariciando com a larga mão polpuda o cabo da faca.

Zé Maria não deu resposta; ergueu o copo, e, num gesto rapido, atirou o restillo na cara do mulato. Fechou o tempo. Vital de faca em punho, lançou-se sobre o tropeiro, que, desviando prestes do golpe, agarrou-o fortemente pelo cangote, e, imprimindo-lhe um movimento de vae-vem, atirou-o de costas para o chão, com grande ruido.

Sentou-lhe então sobre o ventre; tomou-lhe a faca que atirou para longe; arrancou do cinturão de fivellas a comprida garrucha, que segurou pelos canõs, e deu-lhe desesperadamente, com a coronha, no nariz, nos olhos, na bocca...

Os outros, vendo subjugada a fera, avançaram também e deram-lhe valentes bordoadas pelas pernas e pelo corpo. E quando, depois de muitos e instantes pedidos de Zé Maria o deixaram, o mulato ficou ali, no chão, como uma coisa molle e inerte, o nariz inchado, enorme, um olho vasado, o corpo todo desancado e moido de pancadas.

E quebrou-se dessa forma o encanto do Vital que daquelle dia em deante, ficou sendo o "bascoio", o limpa-relho da rapaziada.

SETTE CAMARA



Maria José e Maria Josephina, encantadoras filhinhas do dr. Bernardino de Lima.

Estas moças que já flirtaram com Borba Gato e teimam em não sahir da casa dos vinte, são admiraveis. Eu conheço uma, que, fiel aos seus dezoito annos, conta, imprudentemente, factos de que foi testemunha, occorridos ha mais de vinte annos. Parece exaggero, não é? Pois é a pura verdade. Pode-se mesmo affirmar que no Brasil não ha moça solteira de mais de 24 annos. Eu, pelo menos, nunca vi. São todas inquilinas da casa dos vinte. E no emtanto, quantas eu sei que bem podiam esclarecer certos pontos obscuros da nossa historia sobre a fundação de Sabará e de Santa Luzia!...

Eu costumeo chamar de *Ollam* estas moças. Os senhores não sabem o que é *Ollam*? Com effeito! Pois fiquem sabendo que assim se chamava entre os Celtas, quando não havia ainda escripta, aquelle que guardava de memoria os factos mais importantes da historia celtica.

Duvidava-se de um facto? Recorria-se ao *Ollam* e elle esclarecia tudo.

Pois bem, porque é que agora, estas moças, que assistiram toda evolução de Bello Horizonte, desde os tempos do Curral d'El-Rey, não hão de ser *Ollam*? São, e excellentes.

Os senhores não acham?

RIMAS BARBARAS

(Para o Alvaro Mattos Lima)

OLHOS

Olhos pulchros de santa,
Olhos que têm a luz forte dos novilunios,
(Ha lá dentro uma voz que mysteriosa canta)
O' pharolins do mar dos infortunios!...

Olhos plenos de amor! . quantos mudos idyllios
Eu não antegosei junto a esses Olhos, quantos!
Olhos velados pelos negros cilios,
Olhos de minha amada, Olhos tres vezes santos!

Olhos de minha amada...
Quando um dia eu dormir no seio do Infinito,
Na sombria mudez do grande nada,
Que eu sinta ainda seu clarão bemdito!

MÃOS

Mãos de Nossa Senhora,
Mãos cheias de perdão, fidalgas e patricias,
D'onde piedosamente ha de me vir a aurora
Prenunciadora de eternaes caricias...

Mãos de fadas que vão a desfolhar os versos
Das paginas de dor destas canções doiradas,
Para deixal-os, pelo chão dispersos,
Entre as cinzas do amor, e a poeira das estradas...

O' Mãos de minha amada...
Se eu morrer. . viverá o mesmo amor profundo
Por estas Mãos de heroínas de ballada
Pois morrerei somente para o mundo!

LABIOS

Labios rubros de Venus,
Labios que têm a côr dos poentes do Outomno...
Labios, ninho fatal dos lubricos venenos,
Taça vermelha que me rouba o somno,

O' labios div'naes, semi-cerrados, quentes,
Castalia de onde sae um turbilhão de beijos!
O' Labios auroraes, incandescentes...
— Duas barras ardendo ao fogo dos Desejos!

Labios de minha amada, ó digitalis...
Quando a vida deixar minha alma louca,
Quando findarem para mim os males,

Que estes labios, então, não toquem minha bocca,
Pois sentindo seu beijo afogueado
tu resuscitarei mais desgraçado!

Mario de Azevedo

Maio de 1915.

Mãe de Minas

CREIO que se asyloeu em mim a alma do ultimo trovador de Florença... Tenho os meus repentos cavalheirescos, falo encantadoramente das mulheres e adoro a lua como um bardo. Parece-me que os menestreis da Edad Media deviam ser assim... E não faz muito tempo que eu descobri em mim esta alma bohemio de trovador e cavalheiro... Foi, nem mais, nem menos, depois que rebentou o velho paredão na usina de força e luz no Rio de Pedras...

Emquanto todo o mundo se queixa amargamente da falta de luz e bondes eu me surpreendo as vezes, noite alta, perambulando só pelas avenidas a "flirtar" com a lua em extases beatos... A lua me evoca qualquer coisa que eu nunca possuí... Qualquer bem que ja-

mais hei de attingir... A nostalgia da lua!... Qual o poeta que ainda não fez versos á "monja etherea dos conventos da altura"? Pois eu tambem, usando do meu direito de poeta e de bohemio, adoro a lua... Foi á sua luz admiravel, feita só de melancolia e de saude, que eu pensei, por esta noite branca, que se tivesse asyloado em mim a alma suave, sentimental e romantica do ultimo trovador de Florença... Recordo-me da Italia que idealizei para o meu sonho, com Napoles á beiramar, e Veneza, com as suas gondolas, e o palacio dos Doges, a face lisa dos canaes espe-
lhantes e tranqutilos...

A lua evoca em mim qualquer coisa que eu nunca possuí...

A.

UMA INSTITUIÇÃO BENEMERITA



— Estas contente, olá! Donde vens?
— Pois não sabes?... Volto da sopa dos pobres. Economisei uns tostões para os charutos e consegui um cartão numerado.

NO SUL DO ESTADO



O rio Sapucahy, nos arredores da cidade de Itajubá.

Vigilato Cateretê

Victor Hugo tel-o-ia incluído no grupo sinistro de Patron Minette, ao lado de Claquessous.

Acaboclado, magrinho, caolho, andar de felino, vivia este rapaz, invisível de dia, numa casita de paredes de barro, numa ponta de rua, quando Lavras, ha 35 annos, era atrazada e pequena cidade roceira, um tristonho arraial em ponto grande, onde a chegada d'algun cometa constituia acontecimento quasi igual ao apparecimento do *Biela* nas solidões do firmamento.

O pae de Vigilato era um velho alto e magro, de musculatura de aço, cego nos ultimos dias, e que jamais estendeu mão á esmola, de uma probidade rara, tendo immensa dedicação a meu pae, a quem salvara a vida, ameaçada pelo bacamarte politico em 1842.

Do velho Cateretê antes de cegar, contavam-se proezas quasi inverosimeis, como a de nadar

uma legua Rio Grande abaixo, ganhando a aposta de dez mil réis.

Era seu meio de vida o de viajero, e nos campos de infinita tristeza, de um silencio apenas cortado pelo canto das syriemas, era common avistar-se-lhe a silhueta, silencioso, caminhando num passo elastico, calçado de alpercatas, deixando as curvas do caminho e assim encurtando distancias enormes.

Coisa singular! Foi desse magnifico tronco que brotou aquelle galho espinhento, bem comparavel ao que o Raposo, da *Reliquia*, colheu na Palestina.

D'uma pusillanimidade de gato, pouco exigente no preço de seus serviços de capanga, Vigilato escolhia sempre a noite para seus crimes, e a garrucha prostrava a victima com um tiro certo. Sabia esperar o momento com a paciencia tranquilla do tigre, immovel na treva, a mão no gatilho. Um de seus crimes fôra ajustado por cinco mil réis.

Ninguem ao certo sabe quantos homicidios

Vida de Minas

elle praticou, durante uns 3 ou 4 annos de celebridade e de terror, até que n'uma fazenda de Tres Pontas, onde estava homisiado, depois da ultima fuga da cadeia de S. João d'El-Rey, veio a morrer,— envenenado por umas fructas silvestres,— que lhes deram como remedio, ou propinaram como veneno.

Começou a celebridade de Vigilato e o terror que depois infundiu pelo assassinio de um negociante de nome José Bento, homem de rara coragem. Ao recolher a procissão de Passos, estava elle á janella com a mulher, vendo passar o povo, quando um vulto aproximou-se a pequena distancia e com um tiro certo varou-lhe o coração, sumindo na noite. A victima apenas exclamou um flebil «Jesus!» e cahiu morto dentro da sala.

Poucos mezes depois, no arraial de S. João Nepomuceno, o negociante José Paulino, ao fe-

char á noite as portas do negocio, recebia um tiro desfechado da rua deserta, e tombava fulminado, sendo Vigilato processado tambem por esse delicto.

Emquanto se fazia o processo, outro crime era perpetrado nos arredores de Lavras. Um pobre escravo, havendo recebido uma nota de 20\$000, da venda de um carro de milho, mesquinho producto de tantos domingos passados no serviço, fora encontrado morto na manhã seguinte, atirado a um enorme desbarrancado. E dias depois, Vigilato procurava trocar a nota com o mesmo vendeiro, que a havia dado em paga ao preto. Com este facto jamais se impressionou a justiça daquelles tempos.

Foi mais ou menos nessa occasião que um novo crime, ainda mais cruel, mais sinistro, era imputado ao homem que fazia medo a tanta gente. Uma pobre mulher da vida airada, tão

NO SUL DO ESTADO



Outro aspecto da margem do Sapucahy.

VIDA ESCOLAR



Escola Infantil Bueno Brandão — A hora da merenda

mesquinha e melancolica, que lhe deram o apellido de "Passaro Triste", ao recolher-se á noite, não percebeu que debaixo da cama, havendo forçado a janella da cosinha, estava occulto o assassino, ajustado por uma esposa ciumenta. Mal se havia deitado, foi morta a tremendos golpes de machadinha, espirando a massa encephalica pela parede, e o corpo, partido aos pedaços para caber n'um sacco, era atirado n'um açude distante da cidade.

Submettido Vigilato a julgamento pelo jury, presidido pelo dr. Cirne Lima, depois Barão de Santa Candida, tive, a instancias da familia, que acceitar a defeza gratu'ta do accusado.

Era quasi meia noite quando o promotor interino, um tenente coronel de letras gordas, um tanto amalucado, dando por paos e por pedras, sem nexo, sem disciplina de argumentação, sem ordem na maneira de expôr factos e razões, exclamou no meio de geral espanto do salão apinhado de povo : "Senhores jurados, Quereis fazer uma pequena idéa de quem seja esta fêra ? Hontem, o sr. advogado da defeza disse reservadamente a um seu amigo intimo que fazia a de-

feza do réo, porque tinha como dever de consciencia jamais negar a esmola da palavra a nenhum accusado, e por obediencia ao pedido de seu digno pae, mas estava certo de que si absolvessem Vigilato Cateretê, este até por cinco mil réis era capaz de o assassinar tambem."

Collocado atraz do réo na minha cadeira de defensor, vi que lhe saccudia os hombros um ligeiro arrepio, um estremecimento rapido, como o de um tigre irritado. Muitos jurados *in mente* deram-me como liquidado por causa da estupida indiscreção do promotor, um quasi doido varrido.

Não me desconcertei, comtudo. No correr da defeza procurei salvar a situação mais do que difficil, e com a dialectica do officio, capaz de, como a imaginação dos poetas tornando brancas as formigas, confessei resolutamente ter feito aquella confidencia, que jamais devia ser objecto de tamanha indiscreção, mas accrescentei que essa opinião era no caso de que fossem reaes todos os crimes imputados ao meu cliente, o que eu neguei com o despalante de causar inveja a Odillon Barrot.

Vida de Minas

Confesso sem acanhamento— e sem pesar. O jury condemnou o réo á pena de morte, de que se livrou escapulindo da cadeia de S. João d'El-Rey, indo de novo, como um genio do mal, apavorar a população lavrense, fazendo a mim pacientes tocaia, como talvez ainda se lembre, entre alguns vivos, o meu illustre amigo dr. Barbosa Lima, então estudante.

Dizem que as onças quando conhecem carne humana dão-lhe a mais franca preferencia, e não trocam por esta a mais nédia paca, o mais gordo macuco. Eu desconfio que a fatalidade que fez de Vigilato Cateretê um dos maiores facinoras de que tenho noticia, proveio da vaidade com que se viu alvo do terror de tanta gente, dos seus medrosos adaladores.



Estatua de S. Sebastião, bello trabalho em madeira, pelo habil escultor Brunelli Antonio, residente nesta capital.

Matava pelo prazer de matar, eis tudo. Depois em um dos seus julgamentos o velho fazendeiro Gabriel da Costa, que estando Vigilato em sua casa, e ouvindo-o discutir com um cobrador da Camara, logo que este sahio do terreiro, veio se offerecer para liquidar o coitado, já de espingarda prompta e achando aquillo muito natural. "E' coisa muito facil patrão. Enquanto o homem rodeia a capoeira, eu atravesso depressa pelo matto e lá no alto chego primeiro, liquido o homem e ninguem ha de saber do caso."

Ajustado por cinco mil réis para applicar uma simples dose de chicotadas n'um bom velho chamado José Antoninho, teve avizo o mandante de que Vigilato, (o Bilato, como era mais conhecido, havia seguido armado apenas de garrucha. Atterrado com aquella noticia, correu para as immedições da moradã de seu inimigo, acompanhado de outrem. Fazia luar, e Vigilato de garrucha apontada, occulto n'um desvão do muro, aguardava que o homem se afastasse um pouco da mulher, para desfechar o tiro. Houve então entre os tres uma rapida troca de palavras a meia voz, e quando o mandante lembrou-lhe que o ajuste não era para matar o outro, respondeu-lhe Vigilato com esta phrase, que se tornou celebre: "Boi morto não berra, e por isso eu fiz tenção de matar o homem e não passa de hoje." Foi preciso que se fizesse então novo ajuste, recebendo Vigilato mais outros cinco mil réis, para desistir de seu intento, ou, como elle talvez entendesse,— para desistir de seus direitos.

Quantos crimes pezam sobre a sinistra memoria desse homem, é o que ninguem sabe ao certo. E se alguém extranhar o facto de andar tantas vezes solto, eu lhe direi que o formalismo dos processos criminaes, annullando julgamentos por pequenos motivos, a falta de policiamento daquelles tempos, as fugas da cadeia de Lavras (nessa epocha uma horrenda sentina sem segurança nenhuma), explicam em grande parte o facto. De resto ainda ha centenas de pessoas para as quaes eu estou contando o que sabem, tanto ou mais do que eu, da vida do temivel facinora.

Com razão chamamos Mãe a terra... Aos bons e aos infames ella nutre em vida, com o mesmo carinho com que lança sobre seus corpos uma dobra de seu manto, n'um gesto de perdão e esquecimento.

GUSTAVO PENNA

Bello Horizonte, 2 de julho.

EPITAPHIO DE VIRGILIO

Mantua me deu a vida; Brindisi a morte; Napoles a sepultura.

PELO MUNDO

**Fragmento de uma carta de Dionisio Perez
Cousas da Bulgaria**

Um leitor do «Mundo Gráfico» e da «Esfera» no Uruguay,—não se diga neste caso que longes terras grandes mentiras— escreveu-me um tanto revoltado:

«Que lastima — diz-me — que a sua penna não seja optimista. Ella é semeadora inveterada de pessimismo. Lel-o entristece-nos aqui.

Todas as nações têm defeitos: mas os escriptores patriotas devem occultal-os, defendel-os mesmo... De uma feita, vemol-o chamando de povo europeu, hombreando com a Allemanha, com a Inglaterra e com a França, influindo nos destinos da Europa, uma nação como a Bulgaria, cujas crueldades na guerra balkanica revelaram ao mundo um paiz muito inferior á Hespanha, um paiz semibárbaro...» Quero interromper esta comparação, que creio incluída entre as declaradas odiosas pelo vulgo, e por isso cito somente este fragmento da carta. E agora, — attenção, — leitor.

Para os que, por curiosidade ou por profissão, seguimos o mais de perto que podemos o desenvolvimento das idéas e dos factos na Europa, é frequente a surpresa de encontrar olvidado o nome da Hespanha, especialmente nos estudos estatísticos, apesar de nelles se recolherem e se compararem as datas e as cifras da Dinamarca, da Suissa, da Grecia, da Rumania e até da propria Servia, sem falar da Suecia e da Noruega, paizes todos que a generalidade dos hespanhoes acredita mais pobres, mais incultos, mais atrazados do que a Hespanha.

Vou citar um facto que será comprovado por qualquer leitor de livros ou revistas estrangeiras.

Em compensação desse desconhecimento systematico a que nos tem condemnado a Europa, confessemos que nós hespanhoes apenas temos desses outros paizes a tenue recordação que nos ficou das breves noções apprehendidas no primeiro anno escolar, confundida com a vaga lembrança de um ou outro fragmento de periodicos.

Assim, o meu leitor do Uruguay, hespanhol expatriado, pôde sentir o orgulho relativo de que não é a Hespanha o mais desgraçado pedaço da Europa.

Relativamente á Bulgaria, cruel, barbara, inculta, tambem se engana o meu leitor. Diria eu, forçado a essas comparações, que ha um traço de semelhança, de irmandade entre esses dois povos.

Ambos foram submettidos pelo Islam e ambos mantiveram a penosa, longa e cruenta guerra de reconquista, que durou seculos.

A Hespanha venceu mais depressa, descobriu a America, sentiu-se titan, subiu ao apogeo, quiz escalar o céu, e veio depois esse lento e inexoravel descer que não acaba...

A reconstituição da Bulgaria, pôde-se dizer que é de ho item; em 1879, como principado de Tirnovo, ainda era um paiz escravo com dois Dogalles, um turco e outro russo.

A paz de Santo Estevam não logrou tornar ao olvido as tremendas matanças de Sofia; apparecem manchas de sangue até nas mais escarpadas montanhas.



FERNANDO I, REI DA BULGARIA

Wida de Minas

Em 1895 é que em verdade raiou a aurora da independência bulgara. Mas, em treze séculos, não se contaminara a raça com o sangue impuro do invasor. A Arabia não conseguiu inocular ali o seu espirito fatalista, a sua milícia mental, os seus sonhos sensuaes, os seus olhos abismaes, as suas cabelleiras negras... Em busca de paz, ali chegou tambem, como chegou á Hespanha, a imigração hebréa, mas os judeus não conseguiram tampouco, nem pela abdicação de sua fé, nem pela suggestão de seu ouro, inficcionar o sangue dessa forte nacionalidade. Louros cabellos e olhos azues, sangue puro da avalanche barbara, que destruiu a corrompida Europa romana, conservaram-se immaculados através de treze séculos de escravidão! Realizou essa obra admiravel, não a fé religiosa nem o instinto da raça, mas o espirito da tribu, esse elemento conservador extraordinario que a nossa rhetorica civilizada costuma menosprezar; na cidade, na aldeia, nos alcantilados pincaros das montanhas, as familias vivem congregadas em redor da casa do *stareschins*: ancião, patriarcha, juiz, sacerdote, propheta, a sua progenie e a sua semelhança devem ser procuradas na antiguidade: é Abrahão, é Jacob, é Josué; — e assim a tradição, o presente e o porvir formam o muro dos ideaes que defendem a familia da intromissão estrangeira, e a familia por sua vez tem um sentimento de cohesão, de força, de durabilidade que desafia os séculos e vence a tyrannia.

Desta maneira, quando a Bulgaria consegue constituir-se em reino independente debaixo do primeiro principe estrangeiro que as potencias querem dar-lhe, surge a nação com uma assombrosa força inferior que estava latente e retida nos

nucleos familiares, que os *stareschinos* guiavam.

Na escravidão, a familia foi refugio espiritual, escola de trabalhos, e de liberdade — e assim a tolerancia religiosa não é problema para os seus leg'sladores.

Convivem os scismaticos orthodoxos, que constituem a maioria do povo com os armenios gregorianos, com os catholicos, protestantes, mahometanos e judeus, dos quaes trinta e cinco mil descendem da Hespanha.

Ha templos, seminarios e escolas de todas essas religiões; ha hexarcas, bispos, rabinos, pastores e cada qual attende á sua fé, sem se preocupar da alheia. Um dia, o rei Fernando de Saxonia Coburgo ao seu filho, o principe Boris, que, recém-nascido, havia sido baptizado na religião catholica, manda rebaptizar no rito scismatico-grego, crendo dever suffragar a fé da maioria do seu povo. Excommunga-o o Papa. Nas chancellarias protestantes de Londres e de Berlim; na scismatica da Russia; nas medianamente catholicas de Paris e de Roma, perpassa estupor e assombro; ha trocas de notas diplomaticas; a grande imprensa mundial escreve artigos solemnes sobre o equilibrio balkanico, sobre a eterna luta entre o Vaticano e o Santo Sinodo...

E entretanto, que faz a Bulgaria? Desdenha sobranceira o incidente. O monarcha é senhor de sua consciencia! Fiquem pae e filho com a sinceridade de sua fé.

Um situacionista, Stambulow muito semelhante, na vida e na morte, com o nosso Cánovas del Castillo, dominador das revoltas politicas que desde 1876 são muito parecidas com as hespanholas do seculo passado, faz alarde de tyrannia do poder civil, contra todas aquellas congrega-



Jovens bulgaros com os trajes typicos do paiz.

ções confessionaes : impõe aos seus seminarios e escolas de meninos a obrigatoriedade do ensino theorico e pratico da Agricultura. «Sêde, —diz-lhes— gregorianos, orthodoxos, anglicanos, mahometanos quanto queiram, mas aprendei a lavar a terra que afinal todas as religiões estão de accordo em que esse é um meio efficaç de ganhar o céo»

E a terra bulgara deu fructos de benções. Aquelle sólo de montanhas rochosas, muito parecido ao solo hespanhol, não pôde ser cultivado em mais de quarenta por cento de sua extensão. Pouco mais do que na Hespanha! Mas esses quarenta por cento pertencem inteiramente, em plena propriedade, á população rural.

A antiga organização de familias agrupadas em redor do *stareschino*, manteve a subdivisão da terra, impedindo o latifundio. Um pouco melhor do que na Hespanha! Assim, apesar das matanças turcas, das guerras e da pobreza do solo, a Bulgaria mantém uma media de população de quarenta e dois habitantes por kilometro quadrado. Na Hespanha, ha só trinta e cinco.

Eis-nos aqui deante desse povo barbaro, que pratica a liberdade religiosa e é senhor da terra que o sustenta. As suas escolas primarias, as do Estado e as que livremente installam todas as religiões, têm visto campo de experimentação.

Os jovens bulgaros aprendem viticultura, sericicultura, agricultura e fruticultura, mesmo que vivam na cidade e pensem seus paes em dedicar-os a estudos literarios ou scientificos.

Para o professor bulgaro só uma disciplina tem maior importancia que essas especializações agricolas : é a educação civica e a historia patria. Nas escolas normaes os preceptores estudam a anthropologia antes da pedagogia e logo depois physiologia e hygiene, e não parecendo bastante isto, o Ministerio da Instrucção Publica tem duas escolas de ensino primario : a dos mestres pedagogos e a dos institutores medicos. Quando Amalio Gimeno passou pelo nosso Ministerio da Instrucção Publica e falou em crear a inspecção medica nas escolas da Hespanha, houve um periodico que o accusou de inventar esse artificio para dar collocação a alguns dos seus collegas esculapios. E já então era cousa velha na Bulgaria, não a inspecção medica nas escolas, mas a collaboração diaria e permanente do medico e do professor na formação dos cidadãos!

Relativamente á cultura, occorre relatar aqui

outro facto. Todo departamento bulgaro é obrigado a manter, até nas mais pequenas aldeas, uma sala publica de leitura e escolas nocturnas de trabalhos manuaes para adultos e para mulheres. Ha, desta maneira, mais de mil bibliothecas municipales.

Custeadado e adminstrado pelo governo, ha na Bulgaria um theatro nacional, cujas utilidades se invertem (que loucura de barbaros!) em pagar, premiar e sustentar os poetas, os novellistas e os actores, que estão creando uma literatura bulgara que não existia senão no formoso emaranhamento do cancionero e do romanceiro popular.

E eis ahi como a diffusão dessa cultura, com definido caracter nacional e utilitario, creia a realidade de uma vida prospera, que pôde encarar com insolencia os azares e os soffrimentos da guerra. Ha um Banco nacional, como o nosso, remanso da riqueza publica, com os seus bilhetes e as suas contas correntes, com os seus compromissos com o governo, mas na Bulgaria esse Banco é o tronco forte que sustenta dois braços poderosos: o Banco agricola e o Banco de Exportação.

O primeiro mantém cento e vinte Bancos agricolas independentes, espalhados por todo o territorio, os quaes, por sua vez, actúam sobre 631 caixas Reiffeisen, que fazem chegar o dinheiro ás mãos dos lavradores mais pobres, ao mesmo tempo que o Ministerio

de Commercio e da Agricultura porque aquellos barbaros se permitem até o luxo de manter um Ministerio para ambas essas bagatellas— reparte cada anno, gratuitamente, toda a semente que lhe é pedida de tabaco, de algodão, de co-saes e de arvores. E entretanto aquelle Estado, que irrompe d'um supremo esforço de enegia, ameaçado constantemente pelas guerras, encontra meios de iniciar sua vida industrial, entregando ao Banco de Exportação e Importação a tarefa de regular os transportes.—porque os mil e seiscentos kilometros de ferro-vias que cruzam o territorio, pertencem todos ao Estado. E assim é porque a Bulgaria conhece sobejamente quanto é amarga a tyranhia estrangeira, para que — livre de cadêas de ferro— não se sujeite á pressão de ouro da intromissão financeira do capital estrangeiro.

Por esta forma, inicia-se e se desenvolve lentamente a sua industria, que, se bem não tenha chegado a abastecer o mercado interior, entre-



Grupo de aldeões bulgaros

Vida de Minas

tanto já possui uma legislação obreira muito anterior á hespanha:— regulamentação das horas de trabalho e do salario; contracto dos serviços manuaes; tribunaes industriaes; limitações do trabalho da mulher e da creança; seguro operario sobre accidentes, sobre parto e velhice... A mais moderna dessas leis bulgaras data de 1895, quando na Hespanha começavamos a querer crear um instituto de reformas sociaes...

Livres da escravidão estrangeira, por tantos seculos padecida; recolhida a fé á consciencia de cada cidadão e ao lar de cada familia; salvos da tutela financeira do ouro estrangeiro,—os bulgaros souberam prover-se de uma organização politica que já faz impossiveis as passadas contendas, as antigas conspirações, as dissidencias politicas. O sangue de Stamboulow foi uma redempção.

Hoje, elegem as provincias o seu governador, que assistido por um conselho de cinco notaveis, designados tambem por suffragio directo, mantem o espirito familiar concretizado na instituição do *starshino*.

As provincias bulgarasignoram o que seja um

governador á hespanhola:— um governador que impõe sobre as cidades e sobre as aldeas a férula cega do poder central! Ha alli um chefe militar em cada região, um administrador agricola, um reitor de estudos, um magistrado que dirige os serviços judicial e policial...

Mas não ha governador. A Bulgaria ainda não alcançou o nosso estupendo progresso.

Meu leitor do Uruguay, que tão facilmente acreditaste nessa lenda de barbarie bulgara, como agora se apregôa aos quatro ventos a barbarie teutonica, e se fala muito seriamente de guerra humana e de guerra misericordiosa: eu não estive nos Balkans e não sei si os bulgaros praticaram as atrocidades cruéis de que são accusados, como não sei si eram verdadeiros os ataques da imprensa *lankee* e franceza contra a

conducta dos nossos soldados em Cuba. Nada tem isso que ver com o pessimismo meu e de outros muitos escriptores hespanhoes.

Eu sei apenas que os que perdemos toda a fé neste paiz estacionario e atrophiado, somos os unicos patriotas sinceros que ha por

aqui. Para os demais, a Patria é uma palavra; para nós, uma dor que nos atena...



O principe Boris, herdeiro do throno da Bulgaria



Oedipomania

2.º TORNEIO TRIMENSAL

Junho — Julho — Agosto

Premios para o 1.º e 2.º logares

Soluções até o dia 1.º do corrente.

CHARADAS NOVISSIMAS N.º 13 a 15

2-1 — Grita pelo homem, porque é um grande gatuno.

Marte (Rio)

2-1 — O homem tona a bebida somente por gracejo.

Mello

2-3 — Toda mulher de Bello Horizonte é amiga da verdade.

Pepita

CHARADAS ELECTRICAS N.º 16 e 17

4 — Como o senhor está perfumado!

Lourdesine

A' Pepita)

4 — A sua carta veio sem dedicatória.

Dr. K. Macho

CHARADAS SYNCOPADAS n.º 18 e 19

4-3 — N'outro tempo a academia inflamava.

Marte (Rio)

3-2 — Ficou reduzido a pó, desta maneira.

Diabolina

INVERTIDAS n.º 20 e 21

(POR LETRAS)

4 — O carangueijo não come a flôr do lyrio.

Martha

4 — Esse peixe era o predilecto da deusa.

Mademoiselle

AUGMENTATIVA n.º 22

2 — Esse temor só apparece em certa carta de veado.

Madame de Thébés

CHARADA PHRASEADA n.º 23

(A' Lourdesine)

Dou-lhe um saboroso e perfumado 3, 4 si V. Exca. me fizer a gentil mercê de ir ao parlamento das Carmelitas e pedir á 1, 2 superiora, o favor de tirar em minha 1, 5 de couro da Russia um alfinete contendo uma 3, 4, 5 de alto valor e que lh'o entregue, pois, pelo «Ravena» que segue hoje para a Europa, vou mandal-o para 4, 1 dentro daquelle estojo de ***** que comprei á irmã Paula.

Maria

Milda de Minas

HIEROGLYPHO TYPOGRAPHICO N.º 24

(Ao Dr. Oity Lage)

IDOC

Or

Fra Diavolo

SOLUÇÕES DO N.º 12

N.º 1, Coado; 2, Baldada; 3, Calvario; 4, Capa; 5, Lourdesine; 6, Margarida; 7, Ephemero; 8, Pélago-pégo; 9, Cachorro-carro; 10, Cacho-a; 11, Farro-a e 12, Barcarola.

SOLUCIONISTAS

Maria, Pepita, Martha, Mello, Mademoiselle, Conde de Walgos, Madame de Thébés e dr. K. Macho.

12 pontos a cada um.

CORRESPONDENCIA

Marte (Rio) — O seu logogrypho está muito bem feito, mas não o publicamos por comportar 18 letras, quando o nosso regulamento só permite no maximo 15 letras. Si conseguir reduzi-lo, publicaremos.

Pepita — Queira ter a bondade de nos mandar o seu endereço certo, nome e residencia, sem o que não podemos lhe fazer a entrega do premio que lhe coube.

PUBLICAÇÕES

Enriquecemos ultimamente a nossa bibliotheca com a aquisição que fizemos do «Diccionario do Charadista», do dr. Antonio M. de Souza (La-fayette — Minas). Essa preciosa e interessante obra compõe-se de 2 volumes luxuosamente encadernados em percaline superior, contendo 1.400 paginas e para mais de 140.000 termos. Ella representa uma compilação caprichosamente feita dos melhores dictionarios e confeccionada de tal modo que facilmente se póde encontrar qualquer termo por syllabas ou por letras, etc.

«O Diccionario do Charadista» veio preencher uma enorme lacuna que de ha muito se fazia sentir, e por esse motivo felicitamos o seu distincto auctor e a todos os charadistas, aos quaes recommendamos tão util dictionario.

lond

Instituto Profissional

Direcção de Mme. Penelope Pierruccetti, membro do jury superior da Exposição de Turim, onde obteve o Primeiro Premio e de Mme. Elysetta.

Amanhã, 2 do corrente, installar-se-á nesta Capital, provisoriamente á rua da Bahia, 1.398, á rua dos Carijós e na Serra, o Instituto Profissional, modelado pelos melhores de seus congeneres da Europa

Dispondo de professoras de primeira ordem, habilmente seleccionadas, esse novo estabelecimento abrangerá um programma multiplo, ministrando ás suas alumnas conhecimentos de toda a natureza, que lhes sejam indispensaveis na vida, que as tornem aptas para vencer todas as difficuldades e dirigir seus negocios, independentes de tutelas. Assim, pois, alem de trabalhos de costura, desde a mais simples peça ao mais complicado artefacto, do vestido caseiro á grande toilette, elegante e artistica, serão tambem ensinados trabalhos em flores, bordados de todas as qualidades, pintura, musica, linguas, arte culinaria, hygiene domestica, etc. enfim, tudo que for necessario para a formação da actual dona de casa, habilitando-a a cumprir, dessa maneira, a sua dignificadora missão.

Amanhã, abrem-se as matrículas, devendo as candidatas effectuar o pagamento assim: metade no acto da matrícula, e a outra metade do fim de sua aprendizagem, isto é, quando esta se completar.



Mme. Penelope Pierruccetti

No curso de costuras, 100\$000. De outros cursos, 5\$000 por materia. As aulas serão dadas: ás terças e sextas, á rua da Bahia, 1.398. Ás segundas e quartas, á rua dos Carijós. Ás quintas e sabbados, na Serra.

Acceitam-se pensionistas internas, que serão cercadas de todo o desvelo e tratadas com todo o carinho.



Esta revista,
que é a melhor do Estado de Minas,
acha-se á venda em todas as mais importantes
agencias de jornaes no Brasil. Um annuncio em suas paginas é a melhor
garantia de successo para as CASAS COMMERCIAES
e para as EMPREZAS INDUSTRIAES ! ! ! ..

O mutualismo, no Brasil, começou a enraizar-se sob bons auspícios e ao impulso das mais puras intenções. Mas as grandes empresas, quando prosperam, têm logo pela frente uma legião de concorrentes, e só uma direcção muito severa, um grande tino administrativo e o maior escrupulo possível nas transacções realizadas, conseguem manter num pé de prosperidade as velhas sociedades, distanciando-as muito das novas.

Em S. Paulo existem companhias que não deram até agora o menor motivo de reclamação da parte dos seus associados. São as que foram fundadas em obediencia aos princípios do mutualismo e que, mantendo numa esphera muito elevada a sua função social, prosperaram, desenvolveram-se, tornaram-se realmente instituições capazes de realizar o ideal que invocaram á sua nascença.

Entre estas acha-se a "União Paulista", cujo balanço publicado, ha dias, no Diario Official, prova innegavelmente a sua real prosperidade.

O fundo actual de reserva e reembolso, para o final da série, já é de 110:894\$222 ; o seu capital social é de 100:000\$000, já realizados, tendo a respectiva carta patente, expedida pelo go-

verno. E' seu agente nesta capital, o sr. Alberto da Silva Gualberto, residente á Avenida Floriano Peixoto n. 1240.

RECEITA INESPERADA



O medico (á menina, que lhe pedia remedio para a pallidez):

—E' isto, minha filha! Lavar o rosto é o que lhe aconselho. Vae-se a pallidez com a primeira camada de pó de arroz.

A Industrial

GRANDE SERRARIA
MARCENARIA E OFFICINA
DE
CARPINTARIA

MOVIDA A ELECTRICIDADE

Garcia de Paiva & Pinto
CONSTRUCTORES

Madeiras e materiaes de construcções

DEPOSITO E ESCRITORIO
AVENIDA TOCANTINS N. 809

TELEPHONE N. 156



BELLO HORIZONTE



Casa Cristal

Porcelanas

Louças,
Christaes,
Christofle.

Metaes

*Ferro esmaltado,
talheres, trens para
cosinha e muitas
outras miudezas.*

Ribeiro & Irmão

Vidros

Artigos
proprios para
presentes.

BELLO HORIZONTE

ESTADO DE MINAS

Avenida Atfonso Penna, 454 (esquina da rua Tupinambás)

Maison Rose

Fabrica de chapéos para senhoras
e meninas

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM

Pieruccetti & Comp.

Grande atelier de costura. chapéos e colletes para senhoras e meninas sob a direcção de Mme. PENELOPE, modista diplomada em Paris, e membro do jury superior da Exposição de Turim.

Convidam-se as exmas. familias a visitarem o novo sortimento, em que figuram as excellentes compras feitas pelo actual proprietario Pericles Pieruccetti, no Rio.

Rua da Bahia, 1398 Teleph. 47 Bello Horizonte

Creada — O' senhor ! está ali um homem com duas pernas de pau, que lhe deseja falar ?

O amo (distraindo) — Diga-lhe que não preciso de nenhuma.



— E eu ? Não cavo tambem um biête p'ra a tal sôpa ?

Casa Moreno

Moreno Borlido & C.

Unico deposito de cirurgia, artigos dentarios, optica, cutilaria fina, fundas, aparelhos para desinfeção, desinfectantes, perfumarias, serums dos Institutos Butantan e Manguinhos, fermento Bulgaro, aparelhos para laboratorios e accessorios para pharmacia.

Rua da Bahia n. 1044

Bello Horizonte

Casa Matriz Rua do Ouvidor, 142

RIO

Papelaria Beltrão

LIVRARIA

Officinas completas de typographia, encadernação, pautaão, etc.

Fabrica de livros

em branco e carimbos de borracha. Sortimento completo de todos os artigos de seu ramo.

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO
IMPORTAÇÃO DIRECTA

RUAS ESPIRITO SANTO E CARIJÓS

BELLO HORIZONTE

Hotel Central

PROPRIEDADE DE

MARCILIO VIEIRA

EXCLUSIVAMENTE FAMILIAR

Caprichosamente installado em elegante palacete
de sua propriedade

O mais barateiro

Mesa de primeira ordem

Diaria 6\$000

Avenida Affonso Penna, 550 Bello Horizonte Teleph. 475

Carlos Xavier & C.

Fazendas, armarinho, calçados, chapéos, couros,
e artigos para sapateiros e selleiros

Especialidade em artigos para homens
Grande fabrica de malas de todas as qualidades
e artigos para viagem

Av. Affonso Penna, 554

BELLO HORIZONTE

CASA BENJAMIM



IMPORTADORES E EXPORTA-
DORES — MOLHADOS E GE-
NEROS DO PAIZ — VENDAS
POR ATACADO E A VAREJO

DEPOSITO DE ASSUCAR REFI-
NADO E FILTRADO DA SUA
REFINARIA BRAZIL ☉ ☉ ☉

Rua dos Caetes N. 626
Bello Horizonte

DEPOSITARIOS D A S AGUAS
MINERAES CAMBUQUIRA, A
RAINHA DAS AGUAS ☉ ☉

MANTEIGA MINEIRA DA COM-
PANHIA CURVELLANA — CI-
MENTO FRANCEZ E DYNAMITE
CHEDITE ☉ ☉ ☉ ☉

Telephone, 127

Magalhães & Comp.

Successores de J. Benjamim



A Cama Mineira

DE

A. VASTO & COMP.



Grande fabrica de camas de ferro,
estrados de arame com armação
de ferro, colchões, estantes para
livros, lavatorios de ferro, ca-
deiras e bancos de ferro para jardim.

**Fabrica de colchões de crina
vegetal, animal e acolchoados
— de todas as especies —**

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

Rua dos Carijós n. 776

TELEPHONE, 269

Bello Horizonte

High - Life

Confeitaria, Restaurant e Bilhares

— DE —

J. R. Freitas & Comp.

Neste optimo estabelecimento commercial, que acaba de passar por uma reforma completa, o unico capaz de attender escrupulosamente ao publico mais exigente, não só pelo conforto e asseio que se notam ali, como pela sua rigorosa ordem no serviço, encontram-se sempre: conservas finas, biscoitos, doces finissimos, seccos e em calda, pasteis, empadinhas, confeitos, balas, bebidas de primeira, fumo, cigarros e charutos.

Acceitam-se encommendas para casamentos, baptisados, bailes, etc.

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1.060 - Telephone, 361

Casa Confianca

Avenida Affonso Penna, 522 — Teleph. 596

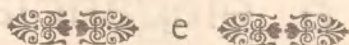
FAZEI compras somente na

*** CASA CONFIANÇA ***

Vendas a prestações com entrega
immediata sem exigencia de FIADOR

Prestações de 10 % sobre o
valor da compra

Especialidade em moveis de toda
especie, casimiras inglezas e trancezas



TERNOS SOB MEDIDA

MAXIMA PONTUALIDADE NA **
*** ENTREGA DAS COMPRAS

Lerman Klein & C.

BELLO HORIZONTE

ALFAIATARIA

—♦— DE —♦—

E. Wilke



**Encontra-se sempre um
variado sortimento de
fazendas finas e padrões
modernos**

Trabalha-se com perfeição
e elegancia,
por preços modicos

—♦—
AV. AFFONSO PENNA, 791

BELLO HORIZONTE

A VIDA DE MINAS

Tabella de preços dos annuncios por uma vez

1 pagina	30\$000
1/2 „	18\$000
1/4 „	10\$000
A 3. ^a pagina da capa	40\$000
A 2. ^a ou 4. ^a paginas da capa	60\$000

Os annuncios intercalados nas columnas pagarão 5\$000 por uma vez, desde que não excedam de 5 linhas.

Os annuncios que levarem *clichés* terão um aumento de \$100 por centimetro quadrado dos *clichés*, e estes ficarão pertencendo ao annunciante que, da segunda vez em diante, só pagará pelos preços da tabella.

Para a secção Medicos, Advogados, Dentistas, etc., cada inscripção, por anno, custa 10\$; por mez, 1\$000.

NOTA — Toda a correspondencia deverá ser enviada ao director Cysalpino de Souza e Silva, á rua Rio de Janeiro, 615 — Bello Horizonte.

Exige-se pagamento adiantado



CASA GIACOMO

A mais importante agencia de
publicações nacionaes e extran-
geiras do Estado de Minas

Giacomo Aluotto & Irmão

**JORNAES,
REVISTAS
E
FIGURINOS**

Agentes exclusivos dos principaes
diarios e revistas do Rio e
São Paulo, para os quaes recebem
assignaturas sem commissão.

VENDA AVULSA

SECÇÕES DE LOTERIA E FUMOS

CASA MATRIZ:

Rua da Bahia, 860

FILIAES:

*Rua da Bahia, 936 — Rua Caetés
n. 662 — Praça da Estação, 230*

BELLO HORIZONTE

